

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE HISTÓRIA

FALANDO DE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS:
SOBRE JK E OS “ANOS DOURADOS”

SUELLEN SOUZA MARTINS

3730
3730
5.9 (c)

SUHELLEN SOUZA MARTINS

FALANDO DE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: SOBRE JK E OS “ANOS DOURADOS”

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação da Professora Dra. Heloísa Helena Pacheco Cardoso.

Uberlândia, dezembro de 2008.

SUHELLEN SOUZA MARTINS

FALANDO DE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS:
SOBRE JK E OS “ANOS DOURADOS”

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Heloísa Helena Pacheco Cardoso

Professora Dra. Dilma Andrade de Paula

Carlos Menezes Sousa Santos (Mestrando – UFU)

À minha mãe, que me apoiou em todos os momentos vividos até agora, tornando-se a cada dia exemplo de determinação e honestidade;

Ao meu pai, por estar sempre presente e pelo carinho;

Á Erislei Ângelo Caetano, homem que me acolheu como filha, oferecendo seus cuidados paternais desde a minha infância, compartilhando seu conhecimento, contribuindo para a minha formação;

Tudo o que sou hoje é fruto de experiências vividas ao lado destas três pessoas. E, por isto, este trabalho é dedicado a elas.

Agradecimentos

Meus agradecimentos especiais à Professora Dra Heloísa Helena Pacheco Cardoso, por sua paciência, dedicação e orientação. O convívio que tivemos nos últimos semestres foi de valor incalculável para a realização deste trabalho; Aos professores do Instituto de História, que ao longo destes cinco anos contribuíram para minha formação acadêmica. Em especial, à professora Dra Dilma Andrade de Paula, pelas discussões a cerca do tema escolhido. Suas reflexões contribuíram muito para a conclusão deste trabalho; Aos funcionários do Instituto de História por todo o suporte, e em especial, ao secretário da Coordenação do Curso de Graduação em História, João Batista, pelo auxílio; À amiga Cíntia da Silva Vaz, pelo incentivo, força, amizade e carinho que partilhamos durante nosso caminhar. Nossas vidas seguiram rumos distintos, mas apesar da distância, nossa amizade permanece; Aos amigos Edson, Neander, Lucian e Lucas, por todos os momentos vividos ao longo destes cinco anos. Por todas as pesquisas compartilhadas, seminários apresentados, reuniões de estudo indispensáveis e, acima de tudo, pela confiança e amizade; Ao amigo Felipe Ribeiro, pelo auxílio no desenvolvimento deste projeto, pelas longas conversas durante a madrugada, me incentivando, agüentando minhas freqüentes variações de humor; A todos os meus colegas de curso, que, desde 2004, vêm compartilhando experiências inesquecíveis; E, finalmente, agradeço a todos os familiares e amigos, que entenderam meus momentos de ausência e apoiaram minhas decisões.

“A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.” (Jacques Le Goff)

Resumo

Este trabalho procura analisar alguns mecanismos de produção de memórias sobre Juscelino Kubitschek e seu governo. Datas como o aniversário de Brasília, o centenário de seu nascimento e o cinquentenário de seu governo, trazem à tona a lembrança e exaltação de sua imagem.

A pesquisa partiu da comemoração do Cinquentenário de governo do ex-presidente, ocorrido em 2006. Durante este período, as diversas homenagens prestadas contribuíram para a preservação de uma memória hegemônica sobre os “Anos Dourados” e seu principal personagem, JK.

Neste sentido, é fundamental compreender como essas homenagens contribuem para o processo de enquadramento de memórias. Para tanto, torna-se necessário entender a relação entre presente e passado, na tentativa de analisar essas memórias no tempo em que são produzidas.

Sumário

Introdução	9
Capítulo I. JK: A construção do personagem.....	13
Capítulo II. Os “Anos Dourados”: a “fé democrática” como lição?	26
Capítulo III. Desenvolvimentismo, industrialização e a integração nacional.	39
Considerações Finais	54
Descrição das Fontes	57
<i>Livros</i>	<i>57</i>
<i>Pronunciamentos</i>	<i>57</i>
<i>Artigos de Jornais.....</i>	<i>62</i>
Bibliografia.....	64

Introdução

“[...]Nós podemos dizer de Juscelino: Salve o Sol, que iluminou o Brasil e que ainda continua iluminando os homens públicos que querem o desenvolvimento desta terra.”¹

Com sua promessa de campanha “cinquenta anos em cinco”, assume a presidência do Brasil, em 31 de janeiro de 1956, Juscelino Kubitschek de Oliveira. A partir desse momento não surge apenas a imagem de mais um presidente, mas sim o início da construção de um “mito” na história da política brasileira. Empossado no período pós Estado Novo, JK e seu plano de governo aparecem como resposta aos problemas vividos pelo país naquele momento. O próprio mote “50 anos em 5”, sua “mágica” violação dos limites do possível, somados a enorme simpatia pessoal do presidente possibilitaram o surgimento desse “mito”.

Até os dias atuais Juscelino é lembrado por muitos como o melhor presidente da história do Brasil. O fundador de Brasília, o presidente “bossa nova”, o homem que promoveu o crescimento econômico do país de uma maneira rápida e surpreendente. JK, um herói acima do homem. Alguém que surpreendeu o mundo e trouxe novamente a esperança aos corações dos brasileiros.

São inúmeras as homenagens prestadas à figura de Kubitschek desde o fim de seu mandato até os dias atuais. Datas como o aniversário de Brasília, o centenário de seu nascimento e o cinquentenário de seu governo (comemorado em 2006), trazem novamente à tona a lembrança e exaltação de seus feitos não só como governante do país, mas também como “cidadão de bem”, que desde sua mais tenra juventude lutou em prol da democracia.

A figura de Juscelino como “mito” tornou-se novamente evidenciada nas comemorações do cinquentenário de seu governo. Dentre as várias homenagens

¹ MAGALHÃES, Antônio Carlos. **Homenagem ao Juscelino Kubitschek de Oliveira, pela passagem dos 50 anos de sua posse como Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil.** 31 de jan.2006.

prestadas à imagem de JK – produção de uma minissérie “Global”² e publicação de artigos em jornais – vários livros foram lançados e alguns reimpressos em seu tributo.

Os livros “*JK: o artista do impossível*”³ e “*Brasília Kubitschek de Oliveira*”⁴ podem ser destacados como obras de grande repercussão no ano do cinquentenário do Governo JK, que ressaltam novamente uma imagem “mítica” de Juscelino. Eles engrandecem a figura de Kubitschek como um grande empreendedor desde a juventude e, de certa maneira, acabam por omitir os grandes impasses existentes em seu governo.

Também no dia 31 de janeiro de 2006, como parte dessas celebrações, o Senado Federal e a Câmara dos Deputados Federais apresentaram tributo ao antigo presidente através de inflamados pronunciamentos de seus membros.

A exaltação da imagem de JK no Congresso foi um dos destaques do Jornal Correio Brasiliense no dia 01 de Fevereiro de 2006. O artigo, além de informações sobre o evento, é carregado também de elogios saudosistas sobre o Governo:

*“Cinquenta anos depois de tomar posse como presidente da República, a energia transformadora de Juscelino Kubitschek de Oliveira ainda é capaz de inspirar políticos experientes, com trajetórias no poder quase tão longas quanto a do homem que construiu Brasília.”*⁵

A força e a capacidade de renovação da imagem “mítica” de Kubitschek não parecem se esgotar. Desenvolvimento, Democracia, Simpatia, Simplicidade e Liberdade parecem ser os termos que ainda compõem a imagem predominante do ex-presidente e seu Governo. Os pronunciamentos de vários políticos mostram a imagem que ainda predomina: “JK e o Brasil impressionaram o mundo. Ele foi o maior presidente que nós já tivemos”⁶.

A fala de Antônio Carlos Magalhães – da qual faz parte a epígrafe do início desta apresentação – assim como discursos dos outros senadores que prestigiaram

² Aqui, refiro-me à minissérie “JK”, exibida pela Rede Globo de Televisão em 2006.

³ BOJUNGA, Cláudio. *JK: o artista do impossível*, Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

⁴ COUTO, Ronaldo Costa. *Brasília Kubitschek de Oliveira*, Rio de Janeiro: Record, 2006.

⁵ BRANDIM, Cecília. Políticos Enaltecem JK. *Correio Brasiliense*. Brasília: 01 de fev. 2006.p.28;

⁶ OCTÁVIO, Paulo. *Homenagem ao Juscelino Kubitschek de Oliveira, pela passagem dos 50 anos de sua posse como Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil*. 31 de jan.2006.

Juscelino Kubitschek no Senado Federal, dia 31 de janeiro de 2006, estabelecem uma relação entre presente e passado. Neles, a trajetória política de Juscelino, junto ao seu projeto nacional-desenvolvimentista parece perpetuado, mesmo após o cinquentenário de seu mandato, sendo considerado referencial de uma possível solução para os problemas políticos e econômicos vividos no país ainda nos dias atuais. Magalhães afirma que JK continua “iluminando” os políticos brasileiros que buscam o desenvolvimento do país em seus mandatos, afirmando ser Juscelino o maior presidente que o Brasil já teve.

O saudosismo presente nas falas dos Senadores e nos relatos dos livros de Bojunga e Couto sugerem uma suposta homogeneidade sobre o período de Governo de Juscelino. Neles, é possível perceber um movimento contínuo de produção de memórias que muitas vezes se afastam do acontecido, elaborando imagens que só possuem significados no tempo histórico em que são produzidas.

O objetivo fundamental deste trabalho é a análise crítica dos discursos elaborados na “Comemoração” do Cinquentenário de Governo do Presidente Juscelino Kubitschek, tendo como pressuposto básico que esses discursos produzidos, tanto nos livros quanto nos pronunciamentos do Senado Federal, reforçam a construção da imagem “mítica” de JK e também a compreensão dos mecanismos de produção de memórias sobre os “Anos JK” que reatualizam constantemente as imagens sobre o governante e seu governo. Para isso, procurei analisar algumas correntes historiográficas que trabalham o período “JK” e discutir as relações entre memórias, monumentos e comemorações, percebendo como elas informam sobre a presença de determinadas memórias hegemônicas sobre o país e, a partir disto, refletir sobre a relação história-memória na análise de mecanismos de revigoração de determinadas imagens na história da política brasileira.

Como a temática escolhida possui amplo espaço para a pesquisa, decidi partir da “Comemoração do Cinquentenário de Governo de JK”, no ano de 2006. Os objetos selecionados para a análise foram, desta forma, os pronunciamentos realizados no Senado Federal e na Câmara dos Deputados em sessão solene no dia 31 de janeiro do mesmo ano, algumas matérias publicadas pelo jornal *Correio Brasiliense* durante este período e duas obras literárias, sendo elas, “*JK: o artista do impossível*”, de Cláudio Bojunga e “*Brasília Kubitschek de Oliveira*”, de Ronaldo Costa Couto. Entendendo que

“lembrar” os “Anos Dourados” e exaltar a imagem do ex-presidente são, na verdade, um processo de construção de memórias que se dá ao longo de um período, principalmente após o final da década de 1980. Desta forma, o trabalho não se limita somente ao Cinquentenário e propõe um exercício de buscar outros momentos onde as homenagens foram intensas, como no centenário do nascimento de Juscelino, em 2002. Para entender como JK contribuiu para a construção de sua própria imagem e de seu governo, a leitura e análise da obra *“Meu caminho para Brasília”*⁷ tornou-se fundamental na realização deste trabalho.

Após a leitura e sistematização das fontes escolhidas, procurei destacar temáticas que apareceram com frequência, tanto na literatura quanto nos discursos dos senadores, contribuindo com o processo de “eleger” o que deve permanecer na memória “nacional” sobre o personagem JK e seu governo. Ao buscar elementos comuns, percebi que as temáticas do desenvolvimentismo, da integração nacional e da democracia apareceram de forma enfática nos discursos realizados no Senado e em diversas passagens dos livros de Bojunga e Couto, sendo acompanhadas por elementos que reforçavam a imagem de JK enquanto homem simples, cidadão comum. A partir destas temáticas, o trabalho foi dividido em três capítulos, visando analisar o sentido delas no momento em que o discurso foi produzido.

O primeiro capítulo busca analisar como se dá o processo de construção da imagem de Juscelino sob a afirmação de que o ex-presidente era um cidadão comum. Nesta temática, há uma busca nas “origens” de JK, onde elementos que enfatizam sua “infância pobre” justificam a presença marcante do personagem na história do país, sendo ele sinônimo de simplicidade, carisma e convicção.

Já o segundo capítulo pretende analisar a temática da democracia, visto que as falas elegem JK como estadista essencialmente democrata. Neste sentido, busquei a compreender qual o sentido de resgatar, na figura de Juscelino, esse tema na atualidade.

O terceiro capítulo é uma tentativa de compreender os motivos pelo qual a temática do desenvolvimentismo e a integração nacional são destacadas no processo de reelaboração de memórias sobre os “Anos Dourados” e o ex-presidente.

⁷ KUBITSCHKE, Juscelino. *Meu Caminho para Brasília*. Rio de Janeiro: Bloch, 1975.

JK: A construção do personagem

“Mais que o Juscelino da televisão, mais que o Juscelino do cinema, existiu o Juscelino da vida real, o Juscelino cativante, o Juscelino expressivo, o homem que tinha o sorriso no rosto e, mais do que o sorriso, tinha a alma do brasileiro expressa no seu semblante.” (Senador Demostenes Torres – Discurso proferido no Senado Federal, jan.2006)

No dia 31 de janeiro de 2006 comemorou-se o cinquentenário de governo do Presidente Juscelino Kubitschek. Dentre várias homenagens prestadas ao ex-presidente, o Senado Federal realizou uma sessão solene em tributo à JK. Diversos senadores discursaram, enfatizando, dentre outros elementos, a figura de Juscelino enquanto cidadão brasileiro de hábitos comuns, apaixonado por seu país.

Este capítulo pretende analisar alguns dos elementos de construção do personagem JK que são frequentemente resgatados para firmar a imagem deste enquanto homem de infância pobre, que desde cedo lutou para alcançar seus objetivos. São no discursos, onde a “origem” de JK é enfatizada, que percebemos movimentos de construção de uma memória que tende a afirmar o “caráter inovador e único” de Juscelino.

Nos discursos dos senadores, a reelaboração da imagem de Juscelino se faz de forma positiva. Estes são enfáticos e seus pronunciamentos são semelhantes quando se trata de resgatar a “história” do ex-presidente, que possui como principais características a humildade e a determinação. A fala de Demóstenes Torres – da qual faz parte a epígrafe deste capítulo – nos apresenta a forma como a imagem de Juscelino é representada. JK é sinônimo de simplicidade, carisma, convicção e compreensão. Demostenes Torres é um dos doze senadores do Partido dos Democratas (DEM) no Senado Federal e representa o Estado de Goiás. Sua participação na sessão solene em homenagem ao ex-presidente não tinha como objetivo representar seu partido, que contava com mais dois senadores que também fizeram pronunciamentos durante a homenagem. Mais do que essas “qualidades” de homem público, a relação entre homem comum e vencedor, estabelecida nas falas, nos remete à relação presente e passado construída pelo senador:

Quero dizer a todas as senhoras e a todos os senhores: hoje o Brasil precisa de novo de um novo Juscelino Kubitschek, de um homem que vai fazer este País voltar à sua vocação; que não teve medo de enfrentar a inflação, a Oposição; que passou por algumas tentativas de golpe militar, mas que foi capaz de perdoar.⁸

Com elementos semelhantes o Senador Arthur Virgílio(PSDB-AM) profere seu discurso em plenário:

[...]A solidão não o fez mesquinho porque a vida inteira ele se apegou ao que o seu espírito pedia: a boa conversa com os amigos, a boa música, a boa dança, a figura da gratidão, aquele que escreve o bilhete de saudades, aquele que, como homem, tinha os seus sonhos e, como homem, ao mesmo tempo, sabia limitar-se ao que era a contingência de um tempo que estava acima dele. Juscelino Kubitschek de Oliveira é um personagem que a nossa história repassa, mas que faz parte daquilo que de melhor possamos ter escrito para trás.⁹

A afirmação do senador de que JK faz parte “daquilo que melhor possamos ter escrito” nos faz refletir sobre o era esse “melhor”que nos remete ao passado. Ainda em seu discurso, o próprio senador nos aponta elementos que compõem o que ele classifica como melhor:

Nunca é tarde para aprendermos a reverenciar os nossos maiores e até fazemos como os nossos índios e os orientais sabem fazer muito bem: valorizar muito a sabedoria dos que viveram, valorizar sobremaneira a sabedoria dos que fizeram, dos que construíram, aprender muito com os erros dos que erraram, aprender mais ainda com os acertos dos que acertaram e sobretudo registrar as lições de quem fazia da sua força de vontade uma inquebrantável manivela para abrir as portas do futuro. Juscelino Kubitschek sabia abrir as portas do futuro. Sua ascensão foi rápida para alguns; foi sólida para outros. Sua ascensão se deu em cima do que de melhor ele poderia passar primeiro para o povo de Belo Horizonte, depois para o povo das Minas Gerais, depois para o povo brasileiro.¹⁰

E ainda:

⁸ TORRES, Demostenes. **Homenagem ao Juscelino Kubitschek de Oliveira, pela passagem dos 50 anos de sua posse como Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil.** 31 de jan.2006.

⁹ VIRGÍLIO, Arthur. **Homenagem ao Juscelino Kubitschek de Oliveira, pela passagem dos 50 anos de sua posse como Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil.** 31 de jan.2006.

¹⁰ Ibidem.

Vi em Juscelino, Senador José Agripino, um líder positivo. Eu vi em Juscelino um líder capaz de ser duro, corajoso pessoalmente, corajoso historicamente, corajoso politicamente, mas, sobretudo, alguém que, em todos os momentos da sua vida pública marcou de maneira muito forte a sua presença, marcou a sua presença quando acertou, marcou sua presença quando errou. E considero que foi um equívoco, por exemplo, ele não ter entendido que seu mandato findaria com o alvorecer do regime de força de 1964; marcou sua presença, quando acertou, perdendo Carlos Lacerda; e marcou sua presença para todo o sempre nessa história que não paramos de reescrever, porque cada um de nós hoje percebe que o Brasil, dos mais novos aos mais velhos, o Brasil inteiro faz o que uma geração já sentia, que é se apaixonar outra vez, Senador Paulo Octávio, por Juscelino Kubitschek de Oliveira.¹¹

Para Arthur Virgílio, o “melhor” que Juscelino deixou para as gerações futuras foi sua sabedoria, sua visão de futuro, sua presença forte. Os valores “inventados” por JK são o que devem permanecer na história e na memória das futuras gerações. Ao lado deles, outros que valorizam a figura humana “que foi capaz de perdoar”. Esse louvor ao ex-presidente, no entanto, está associado ao ambiente vivido pelo país em 2006. O que significa dizer que o país “precisa de novo de um novo Juscelino”?

A eleição de Luiz Inácio Lula da Silva em 2003 alterou a correlação de forças na política brasileira. Nesta mudança, partidos como o DEM e o PSDB necessitam preservar espaços para a concretização de seus interesses. O passado como exemplo refaz a vocação desenvolvimentista do país, onde competiria ao Presidente da República “abrir as portas do futuro”, um futuro que garantisse a opção capitalista do Estado Brasileiro.

A imagem de JK é resgatada não somente por seus feitos políticos enquanto Presidente da República na década de 1950. A construção do personagem vai bem além. Juscelino é – na fala dos senadores – primeiramente o menino pobre que perdeu o pai ainda quando criança. O menino criado com dificuldades por sua mãe que, de forma bastante eficaz, conseguiu auxiliar na formação deste enquanto homem de caráter. Kubitschek é, antes de mais nada, o adolescente que precisou enfrentar a rigidez do seminário para continuar seus estudos e, posteriormente, trabalhar muito para manter-se em Belo Horizonte enquanto cursava a Faculdade de Medicina. É o homem que batalhou em busca de seus objetivos. Um homem determinado que desafiou seus

¹¹ Ibidem.

próprios limites. Juscelino é também homem humilde, seresteiro e pé-de-valsa. É, antes e, principalmente, após ser eleito presidente, um brasileiro comum.

Para o Senador Demostenes Torres, Juscelino foi um vencedor exatamente porque conservou um homem comum. Segundo o Senador Antônio Carlos Magalhães, ele era um homem sem ódios e sem mágoas, capaz de perdoar as mais calorosas ofensas por ele sofridas. Para a Senadora Lúcia Vânia, o ex-presidente foi um mineiro simples e ao mesmo tempo o grande estadista e foi com ele que a nação brasileira compreendeu que a política se faz com honestidade, respeito e integridade. As expressões parecem mudar entre uma fala e outra, mas a essência do discurso, a construção de um Juscelino comum, permanece na maioria das homenagens.

É a partir deste “resgate” que forja-se uma imagem de JK que é alimentada através de discursos, livros, filmes, minisséries e artigos em jornais e revistas. Lembrar a vida pessoal de Juscelino enquanto criança e na sua juventude é uma forma de criar bases para a elaboração de uma memória que acaba permanecendo no imaginário popular. Em um primeiro momento é o enfoque nas características que definem o ex-presidente como homem simples e comum, que tende a aproximar sua figura da de milhões de brasileiros que também são pobres e humildes. É forjada, nesse momento, a idéia de que Juscelino é igual ao cidadão comum, possui suas mesmas feridas, suas mesmas ansiedades. Como ele, também um lutador, apesar das dificuldades.

Em 2006, a minissérie “JK”, escrita por Maria Adelaide Amaral, Geraldo Carneiro e Alcides Nogueira foi exibida pela Rede Globo de Televisão no período de 3 de janeiro a 24 de março. O roteiro da minissérie foi baseado em biografias escritas sobre Juscelino Kubitschek, sendo um misto de personagens “reais” e “fictícios”. Com elevado índice de audiência, a minissérie contou a vida do presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira em “tom de romance” dando ênfase em seus grandes feitos como político. Esta produção “Global” é mais um dos vários exemplos que podem ser apresentados em torno da comemoração do Cinquentenário do Governo JK, participando fortemente da produção de memórias nesse período.¹²

Os discursos realizados em sessão solene no Senado Federal em 2006 não são, assim, os únicos a referenciar Juscelino Kubitschek como o homem comum que venceu.

¹² Ver: CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco. Os “anos dourados”: memória e hegemonia. **Revista ArtCultura**, Uberlândia, v.9, nº14, jan.-jun. 2007.

Em *“JK: o artista do impossível”*, Cláudio Bojunga¹³ também resgata a infância e a juventude de Juscelino como elementos fundadores de um cidadão que desenvolveu habilidades para se tornar o “maior presidente” do Brasil. O livro de Cláudio Bojunga foi lançado em 2001, ano em que se comemorou o centenário de nascimento do ex-presidente, e foi reimpresso em 2006, no período de comemorações do cinquentenário do governo.

Para Bojunga, é no âmago de sua profissão como médico que Juscelino teria aprendido “a ouvir com objetividade, a entender os medos e desejos do interlocutor, a derrubar formalidades inúteis.”¹⁴ JK trouxe, para o autor, o gosto do sonho e o impulso para arejar confinamentos de suas origens. Foi o passado vivido na pobre cidade de Diamantina que o fizera refratário a réplicas. É a partir de suas origens que surge a consciência de que os problemas só seriam enfrentados através de muita determinação, através da ação. No decorrer de seu trabalho, o jornalista Cláudio Bojunga enfatiza principalmente a humildade do ex-presidente, a facilidade que este possuía de interagir com o povo. Mais uma vez, a análise é elaborada para aproximar o presidente que gostava de “frango com quiabo” da população.

No processo de produção de memórias, Juscelino é apresentado como exemplo a ser seguido pelos cidadãos brasileiros. Sua luta cotidiana em busca de sucesso profissional, sem perder como referência de vida suas experiências como cidadão pobre, é trazida como exemplo “real” e como possibilidade para que todos alcancem seus objetivos com muito trabalho, honestidade e humildade. A aproximação de JK e o povo tanto nos discursos, quanto em outros meios, é fundamental para solidificar a imagem do ex-presidente enquanto “herói” de uma história oficial da nação brasileira. São esses elementos que caracterizam JK primeiramente como homem comum, o que estabelece um caminho seguro para afirmar sua imagem enquanto “mito político”.

A [re]construção da imagem de JK torna-se seletiva, no sentido de ressaltar somente a imagem positiva deste político. É através da seleção de memórias que a “história oficial” se mantém, silenciando outros personagens, não menos importantes que o ex-presidente. Enquanto são silenciados, a memória do personagem aparece enquanto história da nação.

¹³ BOJUNGA, Cláudio. Op. cit.

¹⁴ Ibidem, p. 72.

Quando se fala em “história oficial” é importante entendê-la como um conceito, até certo ponto, positivista da história, que há muito vem sendo refutado na historiografia. Através de Marc Bloch e Lucien Febvre, em 1929, surge a Escola do *Annales*, com uma nova proposta metodológica nos estudos históricos. Bloch e Febvre buscavam criticar o método positivista de se fazer história e refletiam sobre qual seria a verdadeira função do historiador.

O positivismo, como modelo histórico-metodológico, buscava a “cientifização” do pensamento e do estudo humano, visando à obtenção de resultados claros, objetivos e “verdadeiros”. Nesse sentido, esse método buscava a total separação entre o pesquisador e seu objeto de pesquisa, compreendendo que o pesquisador deveria ser neutro e mostrar a realidade através dos fatos, sem analisá-los. A história, para os positivistas, assume o caráter de ciência pura, onde os fatos/documentos falam por si mesmos, sem necessidade de análise crítica do pesquisador.

Segundo a vertente positivista a tarefa do historiador é resumida apenas à coleta de informações e fatos presentes nos documentos. Os documentos e fatos históricos possuem uma verdade implícita. O trabalho e o ofício do historiador seriam no sentido de resgatar os fatos do esquecimento, e divulgá-los, e nunca interpretá-los ou fazer uma análise crítica dos mesmos.

Contra a história positivista, ou, a história dita “oficial”, que se apoiava em grandes fatos e heróis, Bloch, Febvre e a geração dos *Annales* propõem um novo método de se “fazer” história, um novo ofício para o historiador. A história agora não se baseia apenas no puro recolhimento de fatos e documentos, mas na análise crítica destes. A idéia era inaugurar uma nova noção de história, não mais factual e linear, mas sim uma “história-problema”

Para Lucien Febvre¹⁵ toda história é uma escolha, pois o historiador cria os seus materiais, ou se quiser, recria-os. Portanto, o historiador parte para o passado com uma intenção, um problema a resolver, uma hipótese de trabalho a verificar. Não há história sem problema, o documento não fala por si, cabe ao historiador interrogá-lo. O historiador não pode ser um mero colecionador de fatos recolhidos ao acaso. A história não deve ser automática, mas problemática.

¹⁵ FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. 3 ed., Lisboa: Editorial Presença, 1989.

Bloch, Febvre, e os seguidores do Annales, como Jacques Le Goff, propõem uma “Nova História”, que busca a interdisciplinaridade, a busca de novos objetos e de novas abordagens de pesquisa. O historiador, segundo Bloch, deve ter consciência de que o fato histórico não fala por si, não é um fato “positivo”. O fato histórico é, antes de tudo, o produto de uma construção ativa do pesquisador a fim de transformar suas fontes em documentos e constituir esses fatos em problema. Nessa ótica, todos os pronunciamentos realizados pelos senadores para homenagear JK, assim como os livros lançados no mercado editorial em datas comemorativas, constituem fontes de investigação, onde indagamos sobre os significados que são constantemente reafirmados no processo de reelaboração das memórias sobre a era juscelinista.

A construção da imagem de JK, partindo de suas origens, desde o nascimento até a juventude, de seu período enquanto médico e posteriormente como político – Deputado, Prefeito de Belo Horizonte, Governador de Minas e Presidente do Brasil – compõe o movimento de [re]elaboração de uma memória que tende a ser oficial. Oficial no sentido de que é gestada no espaço do poder público institucional e é ela quem aparece quando se formula uma história do Brasil repleta de grandes feitos e grandes homens. Juscelino passa a ter uma posição de destaque entre estes “grandes homens” da história, é ele quem representaria fielmente os interesses do povo brasileiro. Na fala de Ronaldo Costa Couto:

*[...] Cultivou a compreensão, a tolerância e o diálogo, repudiou a soberba e o sentimento de ódio [...] Ele não tinha complexo de colonizado. De vira-lata, diria Nelson Rodrigues [...] Não se deslumbrava com o chamado primeiro mundo. Ao contrário. Orgulhava-se de ser brasileiro. Sem xenofilia nem xenofobia. Um brasileiro puro, sangue azul. Ou melhor: azul, branco, verde e amarelo. Sangue tcheco, cigano, português, talvez também negro e índio. Brasileiro como jabuticaba.*¹⁶

Para Couto, Juscelino invade a cabeça e o coração dos brasileiros: “mexe na alma da gente, cresce, impõem-se, quase expulsa a tentativa de neutralidade.”¹⁷ JK não é simplesmente um ex-presidente que realizou obras para o desenvolvimento econômico

¹⁶ COUTO, Ronaldo Costa. Op. cit., p. 23.

¹⁷ Ibidem, p.27.

do país, antes disto ele é exemplo de caráter e força de vontade, elementos que o acompanharam em toda a sua trajetória política.

O pronunciamento de Lúcia Vânia nos indica essa relação construída entre o homem e o estadista. Vânia é senadora representante do Estado de Goiás pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB): “Mas foi o mineiro simples e ao mesmo tempo o grande estadista quem deixou as maiores lembranças[...] A Nação compreendeu que política se faz com honestidade, respeito e integridade.”¹⁸ Neste sentido, a noção do estadista paira acima da sociedade e transforma suas atitudes em exemplos a serem seguidos.

A comemoração do cinquentenário de governo do presidente Juscelino Kubitschek é apenas uma das várias celebrações que foram utilizadas para a [re]construção do personagem. Datas como o aniversário de Brasília, o aniversário de nascimento e de morte do presidente, além de várias outras, são utilizadas frequentemente para reafirmar a memória/história. Nestas celebrações percebe-se o movimento de reafirmação das versões factuais dos acontecimentos. A autora Marilena Chauí¹⁹ trabalha com o conceito de história oficial celebrativa. Para ela, os momentos de celebração contribuem para reafirmar as versões oficiais dos acontecimentos. As produções reforçam a imagem já apresentada por uma memória anteriormente selecionada. Relembrar é, na verdade, uma produção, a construção de uma memória que busca sua homogeneidade. Mas a memória também é um campo de disputas e para que essa pareça homogênea precisa ser alimentada, ou seja, ser constantemente trabalhada nos valores e expectativas que informam o presente vivido.

Michael Pollak em “Memória, esquecimento e silêncio”²⁰ realiza uma importante discussão sobre o processo de construção de memórias. Segundo ele, o importante é analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de estabilidade. O passado torna-se objeto de referência para o presente, sendo fomentado através de discursos/falas daqueles que procuram mantê-la enquanto uma memória homogênea. O que chama a atenção do autor em sua análise

¹⁸ VANIA, Lucia. **Homenagem ao Juscelino Kubitschek de Oliveira, pela passagem dos 50 anos de sua posse como Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil**. 31 de jan.2006.

¹⁹ CHAUI, Marilena de S. Os trabalhos da memória. In: BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. 2.ed.São Paulo: T. A. Queiroz/USP, 1987

²⁰ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, vol. 2, n.3, Rio de Janeiro, 1989.

são os processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias. As falas sobre Juscelino – nos discursos, livros, artigos, entre outros – constituem esse processo de formalização de memórias referentes ao seu governo. A memória é constantemente reelaborada de acordo com os interesses dos “atores” que participam do processo. O movimento passado-presente é constante, no sentido de uniformizar a memória nacional sobre o período. Mas essa tentativa de “uniformizar” a memória sobre um dado período é marcada por intensas disputas, onde as preocupações ou necessidades do presente constituem um elemento de estruturação da memória:

Quando se procura enquadrar a memória nacional [...] há muitas vezes problemas de luta política. A memória organizadíssima, que é a memória nacional, constitui um objeto de disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar que datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo.²¹

Os discursos produzidos sobre a imagem de JK e seu governo alimentam uma memória nacional que parece ser homogênea. Pollak afirma que a memória coletiva nacional possui um caráter destruidor, uniformizador e opressor. As outras falas existentes sobre o presidente Juscelino e seu governo, que não participam da formalização desta memória nacional, acabam sendo silenciadas por ela.

Segundo Pollak, a memória, por ser construída e seletiva, é um campo de intensas disputas e, devido a estas, a reelaboração da memória “oficial” é contínua. A construção e a manutenção desta realizam-se, principalmente, através dos monumentos e das comemorações de datas que firmam a imagem de personagens históricos destacados pela mesma. Esses pontos de referência atuam como importante instrumento formador de uma memória coletiva nacional, dita “oficial”.

Ao fornecer um quadro de referências para a formalização de uma memória a ser mantida, há um processo, segundo Pollak, de enquadramento da memória:

²¹ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992.

*O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função de combates do presente e do futuro.*²²

Além da produção de discursos organizados em torno da figura de JK, também fazem parte do trabalho de enquadramento na construção da memória oficial os monumentos criados em sua homenagem ao longo destes cinquenta anos. As inúmeras praças e ruas que receberam o nome de JK por todo o país, “imortalizando” o governante, e a construção do Memorial JK em Brasília são alguns dos instrumentos utilizados para alimentar a memória coletiva “oficial”.²³

Essa produção voltada para a reafirmação da imagem de JK enquanto homem comum e ao mesmo tempo herói nos leva a questionar quais os motivos pelos quais é dada ênfase na trajetória de vida do ex-presidente ao invés de simplesmente iniciar a construção partindo de seus feitos enquanto político. Por que os discursos de vários senadores buscaram a “origem” de Juscelino para homenageá-lo no cinquentenário de seu governo? Qual a importância desses elementos para a construção da imagem de Kubitschek enquanto herói da nação? Como esses discursos acabam moldando a história oficial, silenciando outros fatos e mantendo uma memória seletiva que busca silenciar vozes que se opõem a ela?

A ênfase dada em relação à formação de Juscelino enquanto cidadão comum é a forma mais eficaz de estabelecer um laço entre o personagem e os ouvintes que recebem a mensagem. É claro que, cada indivíduo, ao ouvir estes discursos, os adapta em suas percepções, criando, a partir destes, novos significados. A memória, como campo de disputas, não é hegemônica, mas a memória oficial tende a ocultar as outras falas que não lhe são favoráveis criando a falsa idéia de que (re)lembrar os anos cinquenta ou o governo JK é um processo uno, hegemônico. O artigo de Eumano Silva, jornalista do Correio Brasiliense, nos mostra como a imagem de Juscelino é aproximada da imagem do cidadão comum, pobre, humilde:

²² POLLAK, Michael. Op. cit., p. 8.

²³ Sobre os significados do memorial JK ver: CARDOSO, H. H. P. Memórias e Imagens. (Re)pensando os significados do Memorial JK. In: Yara Aun Khoury; Laura Antunes Maciel; Paulo Roberto de Almeida. (Org.). **Outras Histórias: Memórias e Linguagens**. 1ª ed. São Paulo: Olho d'Água, 2006.

Ainda nos tempos de Belo Horizonte, um velho e humilde funcionário da prefeitura insistia em convidar JK para almoçar em sua casa, num dos bairros mais pobres da cidade. O prefeito dizia que iria e, um dia, foi mesmo. Sentou-se à mesa e disse que não queria saber de protocolo, nem de maionese. Pediu cachaça e começou a comer o que tinha nas panelas. Foi um festival de lingüiça frita, dobradinha de feijão branco e couve rasgada com angu.²⁴

Buscar a “origem” de JK parece ter como principal função aproximá-lo da realidade de milhares de brasileiros. Fazer referência ao seu passado “pobre” é uma maneira de apresentar a imagem de Juscelino como semelhante à de uma população que há tempos vem sendo injustiçada. Trazer à tona elementos da infância e da adolescência de JK também remete à idéia de que qualquer um pode alcançar seus objetivos e obter sucesso. Para isto, basta seguir o exemplo do “maior presidente de toda a história do Brasil”.

Quando diversos senadores insistem em utilizar, nos seus respectivos discursos, elementos que exaltam a figura de JK, buscam, através de sua memória, que também é seletiva, sua aproximação com estes. Nota-se que, além de simplesmente homenagear JK, os Senadores buscam ressaltar suas semelhanças, características consideradas comuns ao ex-presidente ou procuram demonstrar valores que aprenderam com JK. Eduardo Suplicy, senador representante do Estado de São Paulo pelo Partido dos Trabalhadores (PT), dirige-se diretamente à neta de JK para explicar a relação entre o ontem e o hoje e mostrar o caminho da construção do “sentimento de brasilidade”:

[...]me lembro perfeitamente de como Juscelino começou a inspirar as pessoas e a entusiasmar jovens como eu a querer bem ao nosso país e a acreditar naquilo que poderíamos realizar[...]Eu gostaria de lhe transmitir, Anna Christina, que o sentimento de brasilidade, de amor à Pátria, de acreditar no Brasil, eu aprendi muito com o seu avô e isso é algo que ficou para sempre como um exemplo para mim e para milhões de brasileiros, hoje.²⁵

Na fala do Senador Eduardo Suplicy, e de tantos outros senadores que homenagearam o ex-presidente, percebemos, portanto, a exaltação de valores não somente políticos, mas sim sociais. Há uma grande insistência em afirmar que JK é

²⁴SILVA, Eumano. Estilo Inovador. *Correio Brasiliense*. 15 de maio de 2002, p. 2.

²⁵SUPLICY, Eduardo. *Homenagem ao Juscelino Kubitschek de Oliveira, pela passagem dos 50 anos de sua posse como Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil*. 31 de jan.2006.

modelo para todos os cidadãos brasileiros, políticos ou não. Nos discursos, nos livros, nos artigos de jornais como o *Correio Brasiliense*, JK é herói. É exemplo a ser seguido. A formação de Juscelino Kubitschek enquanto cidadão – durante sua infância e adolescência – tornam-se, portanto, a partir destes discursos, a base para elencar novos elementos que visam mitificar o ex-presidente. É a partir dos valores adquiridos durante sua formação que, segundo os discursos analisados, Juscelino se transforma no maior presidente que o Brasil já possuiu.

[Re]Construir a imagem de JK a partir de seu passado anterior ao seu envolvimento político é dar “veracidade” aos discursos. São nesses elementos que os discursantes afirmam o caráter humilde, honesto e inovador do ex-presidente enquanto algo que percorre toda a sua trajetória, ou seja, Juscelino não se tornou um bom homem, ele sempre o foi. E foi através deste caráter, que ele se tornou um grande presidente, um herói nacional. A reconstrução desta imagem no presente – reconstrução que se dá desde os anos 80 – é inquietante no sentido de que ela tenta moldar as percepções variadas sobre um determinado período. É como se os anos cinquenta fossem representados apenas por um único personagem. Buscar elementos que caracterizem JK como um cidadão igual a qualquer outro, com as mesmas ansiedades e valores, é uma forma de justificar a utilização deste enquanto representante do povo brasileiro. O que permanece é o incômodo ao perceber que as mais diversas vozes seguem sua trajetória sendo silenciadas.

A memória oficial continua no seu processo de enquadramento e as outras vozes, as memórias ditas “populares” permanecem quase apagadas. Muitas dessas avaliações estão também nas narrativas dos trabalhadores, principalmente daqueles que viveram os anos de 1950. Nessas narrativas elas mesclam com outras evidências, que priorizam também o que foi vivido por eles e continua importante nas suas trajetórias. Exemplo disso está na fala de Dona Auxiliadora Nogueira da Silva, candanga que, em 2004, vivia com seu genro no mesmo local onde foi construído o Catetinho II: “Ele era um presidente de verdade, um homem como a gente, cruzei com ele várias vezes nos canteiros de obras.”²⁶

²⁶ MAGNO, Ana Beatriz. Desrespeito – Segunda residência oficial de JK é demolida. *Correio Brasiliense*. Brasília: 16 de abril de 2004, p. 26.

A fala do candango Antônio Lima, em março de 2006²⁷, sobre a minissérie “JK” , é clara ao dizer que: “A minissérie é boa, mas faltou mostrar a dificuldade dos candangos que vieram para cá, que sofreram injustiças”, reclama. A mulher, Luzia Alves concorda: “Tinham que procurar o pessoal mais antigo e conversar sobre a vida dos candangos”. Essas falas nos mostram o “não-dito”, ou seja, as vozes silenciadas pelos discursos, que buscam homogeneizar a memória nacional. Os trabalhadores reconhecem a importância do personagem, e, muitas vezes, auxiliam na solidificação da imagem “positiva” de JK. Porém, eles se reconhecem enquanto personagens ativos no período, e buscam a sua participação nesta memória. Apesar de, muitas vezes, os próprios trabalhadores retomarem a visão de JK como herói, suas lembranças nos apontam para uma versão além da oficial. O ato de “lembrar” dos trabalhadores explicita a relação entre as versões oficiais e suas lembranças individuais.

²⁷ CALDAS, Renata. Política dentro e fora da minissérie. **Correio Brasiliense**. Brasília: 14 de março de 2006.

Os “Anos Dourados”: a “fé democrática” como lição?

“Durante os cinco anos em que Juscelino Kubitschek de Oliveira foi presidente da República, o Brasil viveu a democracia no maior sentido da palavra.”
(Senadora Lúcia Vânia – Discurso proferido no Senado Federal, jan.2006)

O trecho acima é uma passagem do discurso feito pela então senadora Lúcia Vânia(PSDB-GO) na comemoração dos cinquenta anos de posse do presidente Juscelino Kubitschek. Este é apenas um dos vários pronunciamentos realizados no Senado Federal no dia 31 de janeiro de 2006, tendo como um de seus elementos norteadores a imagem de Juscelino como o maior exemplo de homem público e democrata já conhecido no Brasil.

A história do Brasil foi marcada por grandes períodos ditatoriais que podem, de certa forma, ser considerados recentes em sua história. O primeiro deles, mais conhecido como “A Era Vargas”²⁸, teve seu fim no ano de 1945, abrindo espaço para uma curta experiência democrática, que foi interrompida em 1964 e só retornou ao país já no fim da década de 1980. O governo de JK, que se iniciou em 1956, foi um dos mandatos presidenciais que usufruíram de uma Constituição com vias democráticas. E mais: sob a Constituição de 1946, ele é o único presidente democraticamente eleito que completa seu mandato.

A Constituição de 1946, elaborada durante o primeiro ano de Governo do General Dutra, substituiu a elaborada pelo Governo Vargas em 1937. Promulgada em 18 de setembro de 1946, a nova Constituição Brasileira defendia, entre outros aspectos, a preservação do regime republicano, federativo e presidencialista, o voto secreto e universal para os maiores de 18 anos – excetuando-se os analfabetos, cabos e soldados – o direito à liberdade de associação de classe, de pensamento e de expressão, o direito de greve assegurado aos trabalhadores, a preservação das conquistas efetuadas no campo trabalhista e o estabelecimento do mandato presidencial para cinco anos (proibindo-se a reeleição). Nas câmaras, os deputados teriam mandatos de quatro anos (permitindo

²⁸ “A Era Vargas” é como alguns historiadores denominaram o período compreendido entre 1930 e 1945, onde o país viveu sob o governo do Presidente Getúlio Vargas em regime ditatorial, entre 1937 a 1945.

reeleição) e os senadores teriam mandatos de oito anos, sendo em número de três para cada Estado da Federação. O primeiro presidente a ser eleito na vigência da Constituição de 1946 foi Getúlio Vargas, em 1951. Após sua morte, em 1954, é o vice-presidente Café Filho quem assume a presidência do país, até 1955, ano em que Juscelino Kubitschek ganhou as eleições presidenciais, iniciando seu governo em 1956.

A turbulência política vivida nos “Anos JK”, marcada pela forte oposição udenista ao projeto desenvolvimentista do presidente, não prejudicou em nada a construção de uma imagem positiva do período e de seu governante. Ao contrário, fez com que seu governo fosse amplamente destacado como referência após o fim do período ditatorial, marcado por uma nova Constituição que entrou em vigor em 1988. As manobras políticas de JK para manter seu mandato até o fim são vistas como sinônimo de luta pela democracia brasileira e diversos políticos, independentemente de sua bandeira partidária, se remetem à imagem de Kubitschek quando se trata de discursar sobre lutar pelos direitos de liberdade até os dias atuais.

Vânia Maria Losada Moreira²⁹ acredita que dentre os presidentes eleitos durante toda a experiência democrática vivida pelo país nos anos 1946-64, Juscelino Kubitschek de Oliveira foi aquele que mais se destacou como homem público de ação, tomando para si o desafio de governar dentro dos limites constitucionais e democráticos, tornando-se uma espécie de referência para políticos defensores da ordem capitalista e democrática no Brasil.

O Senador Arthur Virgílio(PSDB-AM) demonstra, em seu discurso, que o ex-presidente ainda atua como principal referência quando o tema é democracia:

*[...]O Juscelino, que foi exemplo de convicção democrática numa época em que o Brasil ainda vivia ameaçado pelos pronunciamentos militares; o Juscelino, que tinha sua clara definição por um país constitucional e que foi capaz de perdoar os golpistas de Jacareacangas e Aragarças; o Juscelino, que foi firme e inflexível ao defender o seu Governo[...]*³⁰

²⁹ MOREIRA, Vânia Maria Losada. Os anos JK: industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento rural. In: FERREIA, Jorge & DELGADO, Lucília de A. Neves (org.). **O Brasil republicano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p.155-193 (VOL. 3).

³⁰ VIRGILIO, Arthur. Op. cit.

A forte oposição existente no “período JK” deixou grandes contribuições para a construção do “Juscelino democrata”. Entre um e outro discurso, os levantes de Jacareacangas e Aragarças são citados como “prova” de que JK representou com seu governo, uma das maiores demonstrações de democracia, de Estado Democrático de Direito, pois desfez as “armadilhas golpistas” sem utilizar meios de repressão, respeitando e até “perdoando” seus opositores.

A “Revolta de Jacareacangas”³¹ ocorreu em fevereiro de 1956, onde oficiais da Aeronáutica insatisfeitos partiram do Campo de Afonsos, no Rio de Janeiro, instalaram-se na base aérea de Jacareacanga, no sul do Pará, e ali organizaram o seu quartel-general. Dez dias depois do início da rebelião, os rebeldes já controlavam as localidades de Cachimbo, Belterra, Itaituba e Aragarças, além da cidade de Santarém, contando inclusive com o apoio das populações locais. Havia recebido também a adesão de mais um oficial da Aeronáutica, o major Paulo Victor da Silva, que fora enviado de Belém para combatê-los. Após 19 dias, a rebelião foi afinal controlada pelas tropas legalistas, com a prisão de seu principal líder, o major Haroldo Veloso. Os outros líderes conseguiram escapar e se asilar na Bolívia.

O “Levante de Aragarças”³², que eclodiu em 2 de dezembro de 1959, tinha como objetivo iniciar um “movimento revolucionário” para afastar do poder o grupo que o controlava, cujos elementos seriam, segundo os líderes, corruptos e comprometidos com o comunismo internacional. Partindo do Rio de Janeiro, com três aviões Douglas C-47 e um avião comercial da Panair seqüestrado, e de Belo Horizonte, com um Beechcraft particular, os rebeldes rumaram para Aragarças, em Goiás. Pretendiam bombardear os palácios Laranjeiras e do Catete, no Rio, e ocupar também as bases de Santarém e Jacareacanga, no Pará, entre outras. Na realidade, nem o bombardeio aos palácios, nem a ocupação das bases chegaram a ocorrer, e a rebelião ficou restrita a Aragarças. A revolta durou cerca de 36 horas. Seus líderes fugiram nos aviões para o Paraguai, Bolívia e Argentina, e só retornaram ao Brasil no governo Jânio Quadros.

O fato de Juscelino ter “concedido” uma espécie de “anistia ampla” para os envolvidos nos levantes de Jacareacangas e Aragarças é utilizado como um elemento que reforça a imagem democrática do ex-presidente. Seguindo as premissas de liberdade

³¹ BOJUNGA, Cláudio. Op. cit., p.360-6.

³² Ibidem., p.548-9.

defendidas pela Constituição de 1946, vários autores utilizam o fato de JK ter “perdoado” os envolvidos nestes dois movimentos como um elemento que reforça sua imagem de estadista democrático, avesso a políticas autoritárias.

A fala de Serys Slhessarenko (PT-MT) contribui para (re)afirmar a imagem do estadista como representante maior da democracia:

*Entendo, todavia, que tanto quanto o desenvolvimento das forças produtivas, que JK tanto favoreceu, é importante destacar, nesta Casa política que é o Senado Federal - como lição sempre oportuna para todos nós e para as novas gerações que se aproximam agora da política partidária -, que o Presidente JK não permitiu que se turvasse a sua fé democrática, apesar de todas as tensões políticas que viveu em seu período de Governo.*³³

Na sua fala, a senadora, que é filiada ao Partido dos Trabalhadores, estabelece uma relação do presente com o passado ao citar uma fala do presidente Luiz Inácio Lula da Silva: "Acho que o melhor presidente que o Brasil já teve foi Juscelino Kubitschek. Não acredito em quem não tem objetivos, em quem não tem projetos, em quem não sonha alto. Eu acredito em gente como Juscelino."³⁴

O pronunciamento feito pela senadora traz o tema da democracia para o presente, ao falar de JK e sua “fé democrática”. Slhessarenko utiliza a idéia de que estes devem ser percebidos como uma “lição” para as gerações posteriores, pois Juscelino teria resistido às tensões políticas ocorridas durante o seu governo. A idéia de “lição” apontada em seu discurso nos remete às tensões políticas vividas em 2006 e também no ano anterior, marcadas por denúncias e corrupção³⁵ envolvendo, dentre outros partidos, o PT. Neste período, vários políticos retomaram a questão de respeito “à democracia, às instituições e aos poderes constituídos” durante o processo de investigação de denúncias sobre corrupção como, por exemplo, o “escândalo do mensalão”³⁶.

³³ SLHESSARENKO, Sherys. **Homenagem ao Juscelino Kubitschek de Oliveira, pela passagem dos 50 anos de sua posse como Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil**. 31 de jan.2006.

³⁴ Ibidem.

³⁵ Ver: VIEIRA, Carlos. Crise no governo: ministro revela preocupação de que tensões políticas paralise os avanços da economia. **Correio Brasiliense**. Brasília, 11 de junho de 2005.

³⁶ “Escândalo do Mensalão” ou “Esquema de compra de votos de parlamentares” foi o nome dado à crise política sofrida pelo governo brasileiro do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) nos anos 2005/2006. Essa designação seria uma variante da palavra “mensalidade”, usada para se referir a uma suposta “mesada” paga a deputados para votarem a favor de projetos de interesse do Poder Executivo.

Mesmo após o término de seu mandato como presidente, outro importante elemento contribuiu para fortalecer a imagem de JK como defensor da democracia: sua cassação. Juscelino atuava no Senado Federal, representando o Estado de Goiás, quando foi cassado pelos militares que assumiram o governo em 1964. Com a cassação, Juscelino torna-se um “mártir vivo”, sendo perseguido pelo governo ditatorial, que insistia em investigar sua “vida financeira”, afirmando que JK havia usado de meios corruptos para “acumular uma das maiores fortunas do mundo”³⁷ durante seu mandato presidencial.

Sobre o Golpe Militar de 1964 e a cassação de JK, a fala de Shlessarenko:

*Quem viveu o Governo JK, quem viveu aqueles anos que são chamados de 'anos dourados' jamais poderia esperar que, no espaço de uma década, no início dos anos 60, em 1964, cairia sobre o país a carga terrível de uma brutal ditadura. Ditadura que viria a cassar e perseguir o próprio JK, um dos defensores da abertura democrática liberal.*³⁸

A literatura recente tem contribuído para reforçar essa imagem de democrata do ex-presidente. A “injustiça” sofrida por Juscelino aparece em vários discursos pronunciados no Senado Federal em janeiro de 2006 e também é um dos focos do trabalho de Cláudio Bojunga, que mostra, durante todo o livro, a “trajetória democrática” de JK e as barreiras impostas pela oposição no decorrer de sua candidatura, de seu mandato como presidente e, posteriormente, na sua cassação política e exílio:

*[...] Juscelino estava livre da suspeita de nutrir ambições ditatoriais e inclinações continuístas – não exibia complexo de ditador. Mas tinha que administrar com habilidade uma aliança em princípio contraditória, entre um partido conservador de base rural e um outro populista de base urbana. Esse tipo de orquestração era sua especialidade, e a vocação conciliadora do maestro não era seu único trunfo: era avesso a radicalismos, mas também sabia infundir confiança e ser enérgico para somar forças e constituir um centro político. Juscelino tinha a sensibilidade de captar a política possível momento de exigências conflitantes.*³⁹

³⁷ Ver COUTO. Op. cit., p.269.

³⁸ Ibidem.

³⁹ BOJUNGA, Op.cit., p. 335.

Na passagem acima, Bojunga enfatiza a habilidade de conciliar partidos que, em primeiro momento, tinham bases contraditórias: O PSD e o PTB. A candidatura de Juscelino à presidência foi lançada com a aliança destes dois partidos – um conservador e outro populista – e o autor afirma que JK foi o responsável pelo sucesso desta “união”, exatamente pela sua especialidade de “vocação conciliadora” e sua “aversão a radicalismos”. A chamada “sensibilidade” política presente em Juscelino torna-se um dos elementos que “confirmam” seu caráter democrático. O autor, ao exaltar o “espírito democrático” do ex-presidente faz com que estratégias políticas, como a “conciliação”, seja incluída como parte integrante de um projeto democrático.

Foi confiando na promessa de que a democracia seria restaurada em 1965 que JK apoiou o mandato do presidente Castello Branco. Sua cassação saiu em decreto no dia 8 de junho de 1964. Para Ronaldo Costa Couto, essa foi a primeira morte de JK, um homem público apaixonado por seu país e pela democracia:

Porque era candidato praticamente imbatível à Presidência da República nas eleições previstas para 3 de outubro de 1965, Juscelino perdeu, em junho de 1964, o mandato de senador por Goiás – conquistado nas eleições extraordinárias de 4 de junho de 1961 – e os direitos políticos por dez anos. A primeira morte: castração política, perda do projeto de vida e da alegria. Perseguição política, difamação. Revolta, mágoa, frustração. Exílio, depressão e doenças físicas graves.⁴⁰

Na opinião deste autor, Juscelino, o presidente que sempre defendeu as vias democráticas da constituição, que sempre buscou conciliar as divergências partidárias durante seu governo, preservando a liberdade era agora injustiçado, sofria com o rompimento da democracia imposto pelo golpe militar que, em primeiro momento, utilizou como justificativa para a tomada do poder a necessidade de intervenção militar para a restauração da democracia. JK era cassado e perdia uma “das razões de sua vida”: a luta por um país livre e desenvolvido.

Não somente o “espírito conciliador” de JK é utilizado como argumento para destacar sua figura enquanto democrata. A própria construção de Brasília é citada para afirmar que Juscelino seguiu fielmente toda a constituição. Além de ser símbolo de

⁴⁰ COUTO, Ronaldo Costa. Op. cit., p. 261.

modernização e integração nacional, – temáticas que serão abordadas no terceiro capítulo – a capital “construída por JK” é constantemente apontada como obra maior do homem que governou o país seguindo as vias institucionais do estado democrático. As passagens onde os autores Bojunga e Couto, ambos em seus respectivos livros, destacam o comício de campanha presidencial, em Jataí, feito por Juscelino deixa clara a idéia de que Brasília é fruto de uma demonstração de cumprimento constitucional feito por JK. Em “*JK: o artista do impossível*”, Bojunga afirma:

*Aterrissou em Jataí, no dia 4, e discursou sob uma chuva fina para a multidão concentrada perto de um galpão de uma firma de cereais. Usava sua sedução, substituindo a praxe do discurso formal por uma conversa de apartes. E foi numa delas que Jataí entrou para a história. O aparteante era o coletor estadual Antonio Carvalho Soares, o Toniquinho, e sua pergunta foi a seguinte: 'Já que o senhor se declara disposto a cumprir integralmente a Constituição, queria saber se vai por em prática aquele dispositivo da Carta que determina a transferência da capital da República para o planalto goiano.' [...] E Juscelino respondeu a Toniquinho: 'Acabo de prometer que cumprirei a Constituição na íntegra e não vejo razão para ignorar esse dispositivo. Durante meu quinquênio, farei a mudança da sede do governo e construirei a nova capital'*⁴¹

Um dos aspectos que se destaca nesta interpretação é a ênfase no cumprimento da Constituição. Isto tem relevância considerando que a mesma é considerada democrática, uma vez que foi aprovada pela Assembléia Constituinte, mantinha o sistema presidencial e o regime republicano. Defender a Constituição indicava a possibilidade de um governo com participação.

Em “*Brasília Kubitschek de Oliveira*”, Couto descreve uma outra situação onde a interlocução entre o Presidente e a população aparece como “natural”, coordenada por quem debate, troca idéias:

De terno e gravata, lenço impecavelmente dobrado, aparecendo no bolsinho do paletó, sob a carroceria do surrado caminhão Bedford. Grande orador, grande pregador, grande sedutor, dispara seu discurso hipnótico. Desenvolvimento, transformação do Brasil, fim da miséria, empregos. Democracia, cumprimento fiel das leis e da Constituição. Deixa o povo à vontade, não fala de cima pra baixo, sorri muito [...] No final, provoca a platéia. Quer debater, trocar idéias. Pede que perguntem o que quiserem. Silêncio. Repete, insiste. Nada. [...]

⁴¹BOJUNGA, Cláudio. Op.cit., p. 288.

*Surpresa: um primo do doutor Serafim de Carvalho, rapaz franzino, de pé bem próximo do caminhão, se anima. É o Toniquinho da Farmácia [...] Ele tinha lido e relido a Constituição para um concurso[...]*⁴²

A construção de Brasília, além de um dos maiores feitos do ex-presidente, tornou-se outro elemento que alimenta o “JK democrata”. Brasília, a meta-síntese de seu governo, torna-se a representação da modernização e, ao mesmo tempo, da democracia. Em “*Feliz 1958 – o ano que não devia terminar*”, Joaquim Ferreira dos Santos resgata a idéia de que JK “jurou num palanque em Jataí, Goiás, que cumprir a Constituição seria o seu maior borogodó”⁴³. Nesta passagem, o autor, ao trazer elementos que atribuem à JK um caráter democrático, resgata o Comício feito pelo ex-presidente no município de Jataí, reforçando a idéia de que ser democrático é sinônimo de cumprimento da Constituição.

A historiadora Ângela de Castro Gomes⁴⁴ analisa que a questão da legalidade institucional permanece como trunfo na rememoração dos “anos dourados”. Para ela, esse trunfo é fortíssimo porque está associado a um projeto de modernização do país, que une o “Brasil moderno” ao “Brasil democrático”. Segundo a autora, é indispensável perceber como o próprio presidente JK desempenhou o papel de construção desta imagem⁴⁵. O “herói”, portanto, pode ser considerado um dos primeiros construtores do mito.

O discurso do senador Renan Calheiros(PMDB-AL) mostra como JK participou diretamente da construção de sua imagem enquanto “mito democrático”:

*[...]Este foi JK. Um democrata. Um político como poucos.[...] Para concluir, nada melhor do que uma frase do próprio Juscelino para definir este homem à frente do seu tempo: ‘Sou visceralmente democrata. Para mim, a liberdade é algo fundamental’.*⁴⁶

⁴² COUTO, Op.cit., p. 62-3.

⁴³ SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **1958 – o ano que não devia terminar**. Rio de Janeiro: Record, 2003. 7ª Ed.

⁴⁴ GOMES, Ângela de Castro Gomes. Qual é a cor dos Anos Dourados? In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **O Brasil de JK**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. 2ª Ed.

⁴⁵ Ver, entre outras obras: KUBITSCHKE, Juscelino, **Por Que Construí Brasília?** Editora Bloch, 1975 & KUBITSCHKE, Juscelino. **Meu Caminho Para Brasília**, Editora Bloch, 1974.

⁴⁶ CALHEIROS, Renan. **Homenagem ao Juscelino Kubitschek de Oliveira, pela passagem dos 50 anos de sua posse como Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil**. 31 de jan.2006.

A reafirmação da imagem de democrata de JK dá continuidade ao processo de construção do personagem que tem como base a infância humilde nas terras diamantinas e a luta pela ascensão profissional como médico antes de seu ingresso na política⁴⁷. JK é democrata porque viveu e enfrentou as dificuldades sociais e econômicas vivenciadas pela grande maioria da população. É democrata porque sente as necessidades do povo no sangue. Sangue mineiro. Da mesma Minas de Tiradentes, que iniciou a luta pela liberdade no ciclo do ouro. O autor Claudio Bojunga afirma que “a linhagem histórica de JK tem sua nascente nos arroubos do alferes Joaquim José da Silva Xavier”⁴⁸.

Essa imagem é reforçada por parte da historiografia, quando analisa o papel do presidente no Brasil dos anos 1950. Para Celso Lafer, a persistência de Juscelino no imaginário político brasileiro de forma “unânime” deve-se especialmente ao fato de que JK:

*Promoveu política e economicamente o desenvolvimento do país. Politicamente, impulsionou a democratização, estimulando com admirável tolerância o livre exercício da palavra viva e vivida no espaço público da vida brasileira. Daí, aliás, o clima de efervescência cultural que assinalou sua presidência.*⁴⁹

Neste sentido, Juscelino, o democrata, torna-se um dos principais representantes dos movimentos culturais vividos no Brasil no fim da década de 1950. A liberdade de expressão em seu governo justifica e é dada como primordial para a efervescência cultural do período. A Bossa Nova, o Cinema Novo, o Teatro do Oprimido e as músicas de protesto produzidas na época⁵⁰ tornam-se também frutos colhidos da aspiração democrática juscelinista. Tudo parece girar em torno de um único personagem: Juscelino Kubitschek. Mais uma vez todo o “espírito otimista”, a renovação cultural, a

⁴⁷ Esses elementos foram levantados no primeiro capítulo, que visou analisar a aproximação de JK da imagem de cidadão comum.

⁴⁸ BOJUNGA, Cláudio. Op. cit., p. 29.

⁴⁹ LAFER, Celso. Os anos JK: seu impacto e significado. In: **Desafios: ética e política**. São Paulo: Siciliano, 1995, p.112;

⁵⁰ Sobre o tema da efervescência cultural vivida nos anos 50, ver, entre outros: VELLOSO, Mônica Pimenta. A dupla face de Jano: romantismo e populismo. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **O Brasil de JK**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. 2ª Ed.

democracia e o desenvolvimento econômico têm como destaque o “personagem-mor” dos “Anos Dourados”.

Não se trata de por “em xeque” a importância significativa do período de Governo do presidente JK. Nem tampouco desprezar sua contribuição para o país. No entanto, a proposta é analisar as mais diversas falas sobre o período e o personagem que têm sido reelaboradas desde o fim da ditadura militar e que, de certa forma, começaram a ser moldadas já nos anos 50, pelo próprio ex-presidente. É durante o processo de [re]construção de memórias que se decide o que permanece e o que se deve descartar sobre o período. Neste sentido, todos os meios de produção de memórias, elegem elementos específicos que fazem alusão a Juscelino, como, por exemplo, a democracia.

O período JK é lembrado com certa nostalgia, de acordo com o momento presente em que as falas acontecem. Novamente, a análise deve partir da relação presente-passado, onde buscar elementos que compuseram os anos 50 faz sentido nos anos 2000. É necessário, portanto, analisar o presente para se compreender o passado e entender porque faz sentido rememorar os “anos dourados”. O processo democrático não deve ser considerado pronto e acabado, afinal a nova Constituição foi promulgada há apenas duas décadas(1988) e vários países vizinhos ainda sofrem com instabilidades políticas. Falar sobre a democracia faz sentido exatamente pelo fato de que esta vive em processo de reafirmação e faz parte de uma discussão política atual.

Em 2001, houve um surto de homenagens saudosistas dedicadas a JK devido à comemoração do centenário de seu nascimento. Além de ser o último ano de governo do então presidente Fernando Henrique Cardoso, este ano também foi marcado por processo eleitoral vivido em outubro, onde candidatos à presidência e a outros cargos políticos trabalhavam em suas campanhas eleitorais. Em períodos eleitorais discussões sobre a democracia fazem mais sentido no âmbito político, principalmente pelo fato de ser um tema defendido desde o fim da ditadura e amplamente reivindicado pela sociedade. O direito à liberdade torna-se busca incessante e é também um projeto constantemente defendido. Referir-se ao governo JK adquire sentido quando, no processo de enquadramento de memórias, este se torna a maior referência da experiência democrática vivida.

Em 2006, comemoração do cinquentenário do governo de JK, novamente, inúmeras homenagens foram direcionadas ao período. Mais uma vez busca-se no passado referências e/ou justificativas para o momento presente. Neste cenário, vemos políticos de vários partidos utilizando JK e seu governo como referências. É com base neste cenário que os discursos proferidos em homenagens a Juscelino no Senado Federal devem ser analisados. Buscar em JK e seu governo elementos atuais, como a democracia, fazem sentido quando percebemos que os autores dos discursos – todos políticos atuantes – se apropriam da imagem de democrata visionário. Não há elementos distinção partidária nas homenagens que são feitas por senadores de vários partidos. Mas, ao mesmo tempo, alguns senadores mostram como “seguem os ensinamentos de JK” e, ou, como seus partidos ajudam a manter o processo de democracia e desenvolvimentismo defendido por ele. Os senadores que participaram da sessão solene discursaram com grande saudosismo sobre o ex-presidente. Ao falar sobre a democracia, vários senadores destacaram a atualidade do tema e a necessidade de mantê-lo presente nas discussões políticas. A fala de Serys Slhessarenko é ilustrativa dessa postura:

Juscelino dá-nos sempre a oportunidade de discorrer sobre o processo democrático brasileiro que, aliás, foi tão falado aqui, mas não custa rememorarmos sempre. Um processo que está sempre a requerer e a exigir o melhor de nossas capacidades. [...] Só que democracia, senhoras e senhores, não cai do céu. Democracia se constrói, democracia se conquista. Os trabalhadores e as trabalhadoras, os brasileiros e brasileiras conhecem bem o significado dessas palavras. Juscelino foi um democrata. Sem dúvida, um grande democrata, um estadista, um político que conseguiu combinar crescimento econômico com estabilidade política, promovendo desenvolvimento com democracia e abrindo espaço para a livre expressão cultural e o desabrochar dos nossos valores.⁵¹

Serys Slhessarenko, ao destacar a imagem de JK enquanto grande democrata, faz referência a seu partido político, o PT, para mostrar como o legado do ex-presidente está presente nas metas defendidas pelo Partido dos Trabalhadores:

Por tudo isso é que, em memória de JK, em respeito à sua trajetória, a tudo que nos legou em exemplo e em dignidade, devemos nos empenhar firmemente em

⁵¹ SLHESSARENKO, Op. Cit.

um processo que nós, do PT, costumamos definir como de 'radicalização da democracia'. Um processo que deve valorizar o diálogo político, centrando nossos esforços para que tenhamos a reforma política, para que tenhamos o aprimoramento e a consolidação dos partidos políticos, para que nos empenhemos na busca incessante de um sistema de representação política que não permita decisões que atraíam e nulifiquem a vontade soberana do povo.⁵²

Na fala da senadora percebemos a preocupação em apontar como o partido do qual faz parte – o PT – trabalha com objetivos semelhantes ao do “visionário JK”. É a apropriação da imagem que faz sentido no momento em que se discursa, ou seja, a relação presente-passado dá suporte para que a fala seja, de certa forma, “coerente” com o momento. Ela dá ao passado o sentido que lhe convém, que lhe interessa. É esse “afunilamento” dos fatos que dá novos sentidos à uma memória construída para ter significado no seu tempo de elaboração. Talvez, falar de JK como democrata não faça sentido daqui há três décadas. Mas, ainda assim, outros momentos poderão se apropriar da imagem dos chamados “anos dourados” dependendo daquilo que se quer transmitir e fixar na memória “nacional”. Falar em democracia ainda faz sentido quando muitos brasileiros ainda aspiram por maior participação no meio político e muitos homens públicos, em seus discursos, afirmam apoiar essa efetiva colaboração do cidadão comum na vida política do país. É defendendo esta participação que a senadora prossegue com seu discurso:

Para que honremos a memória de Juscelino, é necessário que ampliemos cada vez mais os espaços de participação da sociedade na formulação, no acompanhamento e no controle das políticas sociais, hoje muito facilitadas pela existência de tecnologias chamadas da informação, que fazem com que haja acesso imediato por parte da cidadania às decisões de Governo e permitem o controle dessas decisões. E, quanto mais democrática a nossa sociedade, quanto mais acesso às decisões do Estado vier a garantir a nossa sociedade, mais estaremos, todos nós, dando cumprimento ao legado de Juscelino Kubitschek.⁵³

A senadora Sherys Slhessarenko fala com a convicção de quem viveu os “anos dourados”. Vários senadores discursaram com o mesmo fervor e, mesmo que não pareça, jamais tiveram contato com o ex-presidente ou vivenciaram a tão reverenciada

⁵² Ibidem.

⁵³ Ibidem.

“Era JK”. Outros, como o ex-senador Antonio Carlos Magalhães(PFL-BA), político que fazia parte da oposição udenista no governo JK, não deixam de dar sua contribuição à sessão repleta de elogios saudosistas, reverenciadores. Para este último, apesar da oposição partidária, JK era seu “amigo íntimo”, o que lhe “dá maior liberdade para falar sobre o período”:

Assim era Juscelino. A alegria dele contagiava o Brasil. Posso dizer que convivendo, como convivi, com um grande amigo seu, que agora está retratado nessa grande novela - a Rede Globo está levando ao conhecimento do País o nome de um homem público, notável, que foi Juscelino -, o meu amigo Augusto Frederico Schmidt, também tão atacado, foi realmente um amigo fiel de JK e soube aconselhá-lo na hora difícil, porque Juscelino ouvia e assimilava o que seus amigos diziam; não era um autoritário, um surdo à vontade do povo; ao contrário, a vontade do povo era a sua meta maior que todas as outras.⁵⁴

Aqui Juscelino é lembrado como o presidente que “respeitava a vontade do povo”, um homem avesso ao autoritarismo. Ao selecionar passagens referentes ao espírito democrático juscelinista, todas essas falas contribuem para a formação de uma imagem “homogênea” sobre JK e seu governo. A experiência democrática vivida nos anos JK faz parte de um conjunto de imagens daquilo que se procura manter na memória sobre o período e contribui para que essa imagem assuma um caráter também uno, assim como a de Juscelino enquanto cidadão comum. Esse processo de reelaboração do passado no presente assume, portanto, uma função social de fixar uma história que pretende ser oficial, una. Falar em democracia utilizando como referência o personagem JK é alimentar a versão oficial do período e, também, silenciar outras experiências que o constitui.

Não cabe aqui discutir se os “anos dourados” foram ou não exemplo de democracia a ser seguido, mas entender como, ao passar pelo “filtro” daqueles que discursam, esse elemento contribui para a formalização desta memória e até que ponto ele caracteriza, a imagem do “herói” JK e de seu governo.

⁵⁴ MAGALHÃES, Antônio Carlos. Op. cit.

A “grande novela” da Rede Globo é referência à minissérie “JK” escrita por Maria Adelaide Amaral, que foi exibida em 2006, como parte das homenagens em comemoração aos cinquenta anos de posse do presidente JK.

Desenvolvimentismo, industrialização e a integração nacional.

“Cinqüenta anos em cinco, como já falaram aqui, reais. Ele realizou em cinco anos mais do que em cinqüenta. E por mais que queiram imitá-lo, isso não acontecerá no País em outra oportunidade. Juscelino era Juscelino.”
(Senador Antônio Carlos Magalhães, Senado Federal, jan.2006)

Mais de cinqüenta anos se passaram após a posse do presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. Ao longo deste período muitas análises sobre a imagem do presidente e seu governo foram realizadas. Historiadores, economistas, sociólogos, jornalistas, políticos e profissionais de diversas áreas escreveram sobre a política governamental de JK, seu “Plano de Metas”, seus pontos positivos e negativos. A construção do “personagem” JK está, desta forma, inteiramente ligada às imagens que prevalecem sobre o seu governo.

Ao selecionar o que deve ser mantido na “memória oficial” sobre os Anos JK, suas políticas desenvolvimentistas e de integração nacional são, talvez, a maior referência utilizada para a sustentação de sua imagem enquanto grande estadista. Para além de elementos ligados à formação de JK enquanto cidadão e, posteriormente, político “visceralmente democrata”, seu “Plano de Metas” é “eleito” como projeto ousado, de grande destaque, e também um elemento indispensável para todo o processo de desenvolvimento econômico-industrial do país até os dias atuais. Falar em “Anos Dourados” é relembrar um período de mudanças nas bases econômicas – principalmente quando se fala em industrialização – e de grande enriquecimento cultural. Desta forma, todo o processo de transformação vivido nos anos de 1950 aparece nas homenagens prestadas ao ex-presidente como um momento histórico descolado da história do país anterior ao seu governo. Os “anos dourados” surgem como um “divisor de águas” entre um país “atrasado”, essencialmente agrário, e outro moderno, industrial, promissor.

Na sessão solene em homenagem ao cinquentenário do governo de JK no Senado Federal, o senador Amir Lando(PMDB-RO) justifica a homenagem prestada ao ex-presidente:

*E por que essa homenagem? Ela é um reconhecimento público, porque a única recompensa dos estadistas é o reconhecimento público. E, se o fizemos, é um preito de gratidão àquele que soube, não administrar a agonia de cada dia, não administrar o caixa de cada mês, desposar os séculos e lançar o Brasil na silhueta do futuro distante. É isso que vemos nesse processo de modernização, porque, se o progresso chegou, ele não chegou para uns poucos, mas para toda a Nação, para que todos os brasileiros pudessem partilhar da grandeza nacional.*⁵⁵

Em seu discurso, Amir Lando atribui à figura de JK a competência de ter desposado séculos e lançado “o Brasil na silhueta do futuro distante”. Novamente, o ex-presidente recebe a honraria de ser considerado o responsável pelo desenvolvimento nacional através de seu arrojado plano de governo que se concretizou no “Plano de Metas”. Desenvolvimento e progresso aparecem como sinônimos em muitos pronunciamentos. São palavras que indicam uma visão “etapista” do processo histórico que é interpretado como uma busca pelo avanço econômico, que seria alcançado com a superação do atraso.

O “Plano de Metas” e o slogan “50 anos em 5” também aparecem de forma intensa nos pronunciamentos, como, por exemplo, na fala do deputado federal Ildeu Araújo(PP-SP):

*Juscelino fez em 5 anos o que não fariam em 50. Não é por menos que seu slogan era 50 anos em 5. Construiu Brasília em tempo recorde. Fez 20 mil quilômetros de estradas e tinha como objetivo industrializar o País. Com Juscelino o país teve grande evolução e desenvolvimento.*⁵⁶

O “Plano de Metas” foi o principal instrumento de viabilização do crescimento industrial nos “Anos JK”. Além de conter uma estratégia de dinamização de novos setores da produção industrial- os bens intermediários e os bens de produção – o plano também buscava completar a infra-estrutura energética e de transportes do país, prevendo insumos e benefícios cambiais para a instalação de um parque industrial mais

⁵⁵ LANDO, Amir. **Homenagem ao Juscelino Kubitschek de Oliveira, pela passagem dos 50 anos de sua posse como Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil.** 31 de jan.2006.

⁵⁶ ARAUJO, Ildeu. **Homenagem ao Juscelino Kubitschek de Oliveira, pela passagem dos 50 anos de sua posse como Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil.** 31 de jan.2006.

avanzado. A “preferência” pelas metas de energia e transporte buscava consolidar e ampliar a infra-estrutura de suporte ao desenvolvimento industrial.⁵⁷

O discurso do senador Antônio Carlos Magalhães(DEM⁵⁸-BA) destaca o “total” cumprimento do “Plano de Metas” realizado pelo ex-presidente:

Como se disse há pouco, foi o único Presidente que chegou com um plano de metas e cumpriu todas! Todas! Trinta metas distribuídas em cinco setores! Brasília foi a 31ª meta, a meta-síntese[...]Realizou Brasília com muita coragem e determinação, sem que isso prejudicasse suas outras metas: 43,4% de investimentos em energia; 29% em transportes. Aumentou os investimentos em alimentação em 4%; indústria de base, 20,4%; educação, 4%. Naquela época.Depois Juscelino fez crescer a produção industrial do Brasil em 80%, quando o Brasil realmente deu o grande passo para ser uma nação industrializada. Foi criticado na época, mas venceu todas as críticas com a realização verdadeira, não com a falsa realização do discurso. Era com a realidade das metas, que ele cumpria com todo o rigor.⁵⁹

Em seu trabalho “A década de 1950 e o plano de metas”, Clóvis de Faro e Salomão L. Quadros da Silva⁶⁰ traçam um quadro da economia brasileira na década de 1950, fazendo um paralelo com os antecedentes, objetivos e resultados no plano de metas do governo JK. Tendo como referência o momento político brasileiro vivido no início da década de 1990, marcado por uma das maiores quedas de produção vistas na história econômica do país e altas taxas inflacionárias, segundo os autores, não é possível olhar para o governo de Juscelino sem saudosismo, pois, embora marcado por “certo” descontrole das contas públicas, o período de 1956 – 1960 foi caracterizado por um alto desenvolvimento econômico e grande otimismo. A política de planejamento é ressaltada e se concretiza no Plano de Metas, que destacava os setores prioritários de desenvolvimento no governo como os setores de energia, transporte, alimentação e indústrias de base que, segundo os autores, atingiram alto índice de aproveitamento.

⁵⁷ LEOPOLDI, Maria Antonieta. Crescendo em meio à incerteza: a política econômica do governo JK (1956-60). In: GOMES, Ângela de Castro(org.). **O Brasil de JK**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

⁵⁸ O Partido da Frente Liberal (PFL) ainda não recebia a denominação de Partido dos Democratas(DEM) em 2006, ano em que foram realizados os discursos no Senado

⁵⁹ MAGALHAES, Antonio Carlos. Op. cit.

⁶⁰ FARO, Clóvis de & SILVA, Salomão L. Quadros da. A década de 1950 e o Programa de Metas. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). **O Brasil de JK**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

O texto elaborado por Faro e Silva possui um caráter informativo sobre o período JK, focando principalmente no Plano de Metas, mas seus breves comentários, entre um e outro dado estatístico, apontam que, para eles, uma das mais bem-sucedidas experiências de planejamento econômico na política brasileira foi o “Plano de Metas” e por isso a administração de Juscelino possui tantos êxitos, permanecendo como referência na memória política nacional.

Nos pronunciamentos realizados em homenagem aos cinquenta anos de posse do presidente Juscelino Kubitschek, os elementos que mais aparecem nas falas dos senadores são ligados à industrialização, modernização e integração nacional. Todos eles surgem como parte que integra a figura de um único homem: Juscelino.

Na fala do senador Aloísio Mercadante(PT-SP), percebemos como a imagem de JK aparece como o elemento responsável pela modernização do país:

Na estrutura de transporte, foram dezoito mil quilômetros de estrada. Juscelino foi um homem que chegou longe e enxergou o futuro, interiorizou o desenvolvimento do Brasil, olhou para o Centro-Oeste - uma das regiões hoje de maior expansão da agroindústria brasileira - e, a partir de Brasília, criou toda uma estrutura rodoviária de integração da Nação, porque o nosso desenvolvimento estava totalmente concentrado no litoral. Essa visão de nação, essa visão de uma grande nação, essa visão da integração nacional foi viável e hoje é uma realidade exatamente pela perspicácia de um estadista que quebrou todos os paradigmas da época para construir Brasília e construir, portanto, esse impulso à industrialização e ao desenvolvimento a que assistimos durante meio século.⁶¹

JK foi, segundo Mercadante, o homem de “visão”, o presidente que “enxergou o futuro”. Ao discursar sobre o processo histórico marcado por um impulso modernizador vivido nos chamados “Anos Dourados”, o senador aponta Juscelino como o único agente histórico, que transformou a história do país. Ele se torna o responsável por toda a modernização vivida durante o seu governo. Modernização essa que lançou as bases para o desenvolvimento do país nos anos seguintes e explica a posição do Brasil hoje no contexto da América Latina.

⁶¹ MERCADANTE, Aloísio. **Homenagem ao Juscelino Kubitschek de Oliveira, pela passagem dos 50 anos de sua posse como Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil**. 31 de jan.2006.

O senador José Agripino(DEM-RN) também elege JK como “herói”:

*Anna Christina, no começo, em 1957, em 1958, levava-se quase uma semana de viagem pela empoeirada Rio-Bahia. Quando foram se aproximando os anos de 1960, de 1961, a viagem de uma semana passou a ser feita em três dias, porque seu avô asfaltou o sonho do Nordeste, que era a Rio-Bahia. Isso é um fato. Comecei a freqüentar com mais assiduidade o meu Estado. Eu morava no Rio de Janeiro, estudava no Rio, onde me formei, e voltava a Natal, onde eu havia feito o curso ginasial e onde havia morado por três agradáveis anos da minha vida, mas onde não havia indústria. Quando eu voltava a Natal, eu já via as Guararapes, eu já via algumas fábricas novas portentosas. E isso era produto de quê? De algo que meu Estado não tinha antes, de uma coisa chamada Sudene, que seu avô criou - ele que nem nordestino era! Anna Christina, o primeiro carro que tive foi um Fusca. Que Fusca? Um Fusca que seu avô trouxe para inaugurar a indústria de automóveis no Brasil.*⁶²

Dirigindo-se à neta de Juscelino, Anna Christina, o senador José Agripino, ao relembrar os anos do governo JK, utiliza elementos semelhantes aos do senador Aloísio Mercadante para ser remeter ao ex-presidente e seu governo. Nesses pronunciamentos, a vinculação a partidos políticos diferenciador nas análises que são construídas. Juscelino foi o homem que trouxe o desenvolvimento para o país, construindo estradas, investindo na industrialização, trabalhando arduamente para a integração nacional. A fala de Agripino é mais intensa, talvez com o objetivo de construir maior “veracidade”, quando ele se insere no período, apresentando no seu discurso um caráter de autenticidade. Quando o senador se remete às suas memórias sobre o período, o discurso soa como algo real, vivido por ele.

O senador Paulo Octávio(DEM-DF) também destaca em seu pronunciamento, os “feitos desenvolvimentistas” de JK:

Trabalha desde cedo até a noite todos os dias. Não se poupa, pouco descansa, pouco dorme. Cuida da administração sem descuidar da política, articula a marcha para o interior, constrói Brasília em 42 meses. Senadores Antonio Carlos Magalhães, José Sarney, Arthur Virgílio e Aloizio Mercadante, ninguém poderia acreditar na construção desta cidade em 42 meses. Implanta a indústria automobilística, desenvolve a naval, a siderúrgica e outras, multiplica a produção de petróleo, concretiza hidrelétricas, abre mais de 13 mil

⁶² AGRIPINO, José. **Homenagem ao Juscelino Kubitschek de Oliveira, pela passagem dos 50 anos de sua posse como Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil.** 31 de jan.2006.

*quilômetros de novas rodovias, investe em mais de 3 mil quilômetros de ferrovias. A economia brasileira cresce quase 50% reais durante os anos JK. Todo o mundo fica impressionado. JK e o Brasil impressionam o mundo.*⁶³

Na fala de Paulo Octávio percebemos a intenção de aproximar a figura de Juscelino aos projetos realizados durante seu governo. O fato de JK não “se poupar”, trabalhando “desde cedo até a noite todos os dias” faz com que a relação entre o desenvolvimento e JK se torne cada vez mais indissociável. Logo, o país se desenvolveu porque o presidente Juscelino Kubitschek trabalhou arduamente para trazer a modernização.

A política desenvolvimentista do Governo JK e seu “sucesso” aparece, principalmente, de forma quantitativa nos discursos realizados em janeiro de 2006. Os senadores, ao enfatizarem seu “Programa de Metas” falam em porcentagem de crescimento, de desenvolvimento. Falar que a indústria automobilística cresceu aproximadamente 600%⁶⁴ na Era JK aparece de forma impactante quando se fala em industrialização.

Ronaldo Costa Couto também utiliza de “artifícios numéricos” para apresentar as proporções tomadas pelo desenvolvimento nos “Anos Dourados”:

*Governo diferente e extraordinário o de Juscelino Kubitschek. Começa em 1956 e se propõe a fazer cinquenta anos em cinco. Não consegue, claro. Ninguém conseguiria. Mas ele realmente tenta. Tenta com tanta vontade e força que altera o referencial histórico do país. Há o Brasil antes dele e o de depois. A estrutura econômica muda profundamente, a prioridade do desenvolvimento entra definitivamente na agenda nacional. Constrói Brasília, desencadeia a marcha para o interior, impressiona no exterior[...] Faz mais de vinte mil quilômetros de estradas e asfalta cerca de 5,6 mil quilômetros de rodovias antigas; constrói mais de três mil quilômetros de ferrovias; multiplica a produção interna de petróleo[...] O tamanho do PIB aumentou quase 50% durante seu governo.*⁶⁵

⁶³ OCTAVIO, Paulo. Op. cit.

⁶⁴ Esse dado foi citado pelo ex-senador Antônio Carlos Magalhães em seu discurso a fim de mostrar a “brusca” alteração em relação a esse tipo de indústria nos anos de 1950.

⁶⁵ COUTO, Ronaldo Costa. Op. cit., p.22.

Para além dos índices numéricos de desenvolvimento, a imagem de Juscelino associada ao processo de modernização no país durante seu mandato presidencial não é única. Sua atuação na presidência seria um desdobramento de sua trajetória política marcada por seu “espírito inovador”. Segundo Cláudio Bojunga, a ligação com o desenvolvimentismo é marca registrada de Juscelino Kubitschek desde sua atuação no gabinete do interventor Benedito Valadares. Ele destaca as obras lideradas por JK para a melhoria urbana da cidade de Diamantina, e, posteriormente, os seus projetos em Belo Horizonte, no período em que assumiu o cargo de prefeito da capital mineira, onde, segundo o autor, JK ficou conhecido como o “prefeito-furacão”⁶⁶ devido a “rapidez” com que realizava obras na cidade. Destaca ainda a atuação do ex-presidente no governo de Minas Gerais, onde este priorizou o setor de transportes e de energia para “tirar o bolor de Minas”.⁶⁷

O Senador Paulo Octávio também enfatiza em seu discurso as atuações JK na política antes de assumir a presidência:

*[...] Elege-se Deputado Federal, mas perde mandato em 1937, com o Estado Novo. Nomeado Prefeito de Belo Horizonte em 1940, faz da cidade um canteiro de obras e é chamado de Prefeito-furacão. Eleito Governador de Minas em outubro de 1950, prioriza o binômio energia e transporte. Empurra Minas para o futuro!*⁶⁸

Industrialização, modernização, integração nacional. É praticamente impossível encontrar um discurso sobre Juscelino Kubitschek onde estas expressões não apareçam. Seu governo presidencial se destaca exatamente por ter maiores proporções no sentido de permanecer na “memória nacional”, diferentemente da sua atuação enquanto prefeito de Belo Horizonte e governador de Minas Gerais. Ainda assim, essas duas atuações no cenário político brasileiro, antes de se tornar presidente da república em 1956, servem como uma espécie de “apoio” para fixar a imagem que se quer manter sobre JK. Os “anos dourados” surgiram como uma espécie de continuação da sua obra e, por isso, são lembrados como período de maior realização de Kubitschek, dando ênfase na sua figura quando se fala neste período.

⁶⁶ BOJUNGA, Cláudio. Op.cit. p.145.

⁶⁷ Ibidem. p.205.

⁶⁸ OCTAVIO, Paulo. Op. Cit.

A construção de Brasília, a meta-síntese de seu governo, além de contribuir para reforçar a imagem de JK como político de maior referência ao discutir-se o tema da democracia, também é utilizada como consagração do projeto de integração nacional defendido por ele. Considerada o maior feito do ex-presidente, a capital brasileira aparece constantemente como elemento que engrandece a imagem de Juscelino. O título do livro de Couto, *“Brasília Kubitschek de Oliveira”*, deixa explícita a construção de um discurso onde a capital e o ex-presidente funde-se em uma só imagem. Nele, o autor revela sua opinião sobre a capital: “Brasília é Juscelino, símbolo e obra maior de seu governo e vida. Brasília é ele. É Kubitschek de Oliveira.”⁶⁹.

Para Couto, Brasília foi o “tudo no nada”. Construída no Planalto Central em um período em que o vasto interior brasileiro ainda não recebia devida importância, a nova capital foi obra da “determinação juscelinista” e da descrença da oposição. Segundo o autor, a oposição udenista só aprovou a construção da nova capital por considerá-la o “túmulos político” de JK. A cidade “brotou” do nada. Ou melhor, surgiu na audácia de JK e cumpriu seu papel para fixar a marcha modernista em direção ao interior do país.

Na passagem abaixo, Couto aponta a importância da capital:

*Sim, Brasília teve e tem papel de destaque no desenvolvimento do interior. Até pelo novo olhar do espaço nacional e pelos investimentos em infra-estrutura econômica que a acompanharam, como os de energia e transportes. Talvez principalmente pela influência silenciosa que exerceu na criação, adaptação e difusão das tecnologias agropecuárias que permitiram a incorporação competitiva de vastas áreas de cerrado à produção nacional, uma das conquistas mais importantes da economia brasileira nas últimas décadas.*⁷⁰

Inaugurada em 21 de abril de 1960, a nova capital, hoje com quarenta e oito anos, passa a ser símbolo de JK e seu governo e, talvez, seja o principal elemento de rememoração dos “anos dourados” atualmente. Couto, ao afirmar que Brasília tem, atualmente, destaque no desenvolvimento do interior, expõe uma relação entre passado e presente utilizada para dar sentido quando se remete ao tempo passado. Para ele, a capital e seu “construtor” permanecem no tempo presente, dando sua contribuição para

⁶⁹ COUTO, Ronaldo Costa. Op.cit. p.27.

⁷⁰ Ibidem. p.227.

o desenvolvimento do país mesmo quase cinquenta anos após sua fundação. Brasília seria símbolo da modernização brasileira, do desenvolvimento.

Apresentando outra visão da capital brasileira, em *“Utopias de cidade: As capitais do modernismo”*⁷¹, a autora Helena Bomeny analisa o que ela chama de “uma das chamadas do senso comum a respeito dos anos JK”. Para ela, os simbólicos “50 anos em 5” tiveram na construção de Brasília sua materialização histórica. Segundo a autora:

*[...] Simboliza essa cidade o tom que o presidente da república imprimira ao país – dinamismo, coragem, tenacidade, pioneirismo desbravador e audácia -, fruto da vontade política associada ao espírito de aventura. As imagens da época são fonte privilegiada de alimento a esse conjunto de valores. JK se misturava aos candangos, empoeirava-se, inspirava letras de música, estimulava socialmente o sonho que se tornara seu da ousadia do desenho arquitetônico moderno. É possível ultrapassar barreiras se a bússola da ação política são a vontade e a crença na utopia.*⁷²

Para Bomeny, Brasília faz parte do ideário utópico de realização moderna que não corresponde ao projeto imaginado por seus idealizadores e nem a uma cidade que gradativamente encontraria suas formas próprias e familiares de estruturar uma tradição. A arquitetura moderna da capital seria, antes de tudo, um projeto elitista dedicado à preservação de status e desigualdade. Prova disto seria a ocupação de espaços que não estão implantados no projeto original. Segundo a autora, JK seria, talvez, exemplo bem acabado de um sentido de ação que facilita desdobramentos imprevistos, ou ainda, indesejados.

O autor Carlos Heitor Cony, em seu trabalho *“JK: como nasce uma estrela”*⁷³ tem uma visão semelhante a dos senadores sobre Brasília:

A 21 de abril de 1960, Brasília já era considerada uma das mais importantes obras da arte contemporânea. Sua construção prendera-se a outros objetivos, além da obediência à Constituição: a integração nacional, facilitada pela

⁷¹ BOMENY, Helena. *Utopias de cidade: as capitais do modernismo*. In: GOMES, Ângela de Castro (org). *O Brasil de JK*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

⁷² Ibidem. p.202.

⁷³ CONY, Carlos Heitor. *JK: como nasce uma estrela*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

*existência de uma capital no centro do país; a criação de empregos, absorvendo a mão-de-obra excedente do Nordeste, e a implantação do desenvolvimento no interior, desafogando o já saturado Centro-Sul. Formalizava o sonho dos bandeirantes da era colonial, tornando-se fisicamente o coração geográfico do país-continente.*⁷⁴

Quase cinquenta anos após sua inauguração, a capital brasileira é repleta de monumentos que tem como função homenagear seu fundador. Além do memorial, Juscelino Kubitschek está presente em diversas obras que receberam seu nome. A cidade contribui, desta forma, para a manutenção de uma memória saudosista quando relembramos a figura de JK.

Mas JK e seu governo não são lembrados somente pelo clima de industrialização e integração nacional. A inovação cultural do período também aparece nos discursos elaborados sobre Juscelino. Neles, Juscelino também aparece como o presidente que possibilitou o surgimento de novos movimentos culturais. O discurso do senador Paulo Octávio exemplifica:

*Clima de inovação, esperança, confiança no Brasil, liberdade, desenvolvimento acelerado, mudanças estruturais na economia, inserção na modernidade, melhoria da auto-estima, afirmação da capacidade do empresário, do trabalhador, do engenho e arte dos brasileiros. O Presidente que gostava de música e poesia cria espaço para o surgimento do Cinema Novo e da Bossa Nova. O ambiente de liberdade permitiu que artistas do porte de Vinícius de Moraes, Tom Jobim, João Gilberto, Glauber Rocha, Nelson Pereira dos Santos, Joaquim Pedro de Andrade, entre tantos outros, recriassem a cultura brasileira. Nilton Santos, Garrincha, Didi e Pelé ganharam, na Suécia, a primeira Copa do Mundo para o futebol brasileiro, que eu e a grande maioria dos presentes ouvimos no rádio. Parecia que o Brasil finalmente dava certo, caminhava depressa rumo a uma sociedade desenvolvida e democrática.*⁷⁵

Em “*Feliz 1958: o ano que não devia terminar*”⁷⁶, o jornalista Joaquim Ferreira dos Santos discorre sobre os principais acontecimentos deste ano. No livro, é possível visualizar o “clima de inovação” citado pelo senador Paulo Octávio. Segundo o autor, seu livro remonta fatos ocorridos em 1958 que comprovam a veracidade de sua

⁷⁴ Ibidem. p.97.

⁷⁵ OCTAVIO, Paulo. Op. Cit.

⁷⁶ SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Op. cit.

afirmação de que não houve ano melhor. Para ele, nesse ano, o brasileiro deixava de ser “vira-lata”, expressão de Nelson Rodrigues. Foi um ano em que “o Brasil olhou no olho do Brasil e, ao contrário das outras vezes, não fingiu, envergonhado, que nunca o tinha visto mais magro” ⁷⁷

Assim como no discurso do senador Paulo Octávio, o livro de Joaquim Ferreira dos Santos atribui o otimismo de sua geração ao “personagem principal” do período, o ex-presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. JK, além de trazer o desenvolvimento econômico, promovendo a industrialização e a integração nacional com sua “marcha para o oeste” também abre espaço para o surgimento de movimentos culturais como a Bossa-Nova e o Cinema Novo. Mais tarde, levará consigo o título de “presidente bossa-nova”.

Todo o trajeto percorrido neste capítulo pretende mostrar como o desenvolvimentismo e todos os outros elementos que o permeiam, ainda são presentes nos livros recém lançados no mercado editorial e nos discursos realizados no Senado em 2006. O destaque para o desenvolvimento, modernização e integração nacional é bastante claro. JK ainda surge, quase cinquenta anos após o término de seu mandato, como referência quando se trata destes temas. Qual seria o sentido de relembrar os “Anos JK” nos anos 2000?

Na fala da senadora Flexa Ribeiro(PSDB-PA), surge uma possível interpretação:

A história encarregou-se de tornar o governo de Juscelino, com seu notável desenvolvimento econômico e industrial, verdadeiro paradigma, almejado por todos os governantes e cidadãos brasileiros. Juscelino tornou-se padrão de excelência, olhado com um quê de nostalgia, em momento em que a economia brasileira patina e gira em falso, se comparada à dos demais países em desenvolvimento. ⁷⁸

Na tentativa de compreender a relação presente/passado, é preciso analisar a construção destes discursos dentro de seu tempo. Falar em desenvolvimento nos anos 2000 faz sentido quando o cenário político brasileiro encontra-se em crise. Para além da

⁷⁷ Ibidem. p.14.

⁷⁸ RIBEIRO, Flexa. *Homenagem ao Juscelino Kubitschek de Oliveira, pela passagem dos 50 anos de sua posse como Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil*. 31 de jan.2006.

possibilidade de homenagear o ex-presidente JK, os discursos apresentam uma discussão ainda latente no cenário brasileiro: o desenvolvimento nacional. Neste sentido, as falas dos senadores são intencionais na medida em que o Brasil vive um momento político delicado, marcado também por processo de eleições presidenciais. Mesmo quase cinquenta anos após o “surto” de modernização vivido nos “anos dourados”, ainda nos anos 2000 o país carrega o estigma de país em desenvolvimento, com poucos avanços econômicos e muita corrupção.

O senador Antônio Carlos Valadares(PSB-SE) demonstra como a questão do desenvolvimento ainda era atual em 2006:

*De várias formas JK está sendo aqui lembrado. Com humildade, que é a virtude presente em JK, trago para esse momento de homenagem um foco muito específico de JK que ainda perdura como dilema no Brasil desse séc XXI: O desenvolvimento nacional! Temos muito que aprender com a nossa história, especialmente quando falamos de desenvolvimento, especialmente quando estamos muito mais do que prestando homenagens a esse homem que foi Juscelino Kubitschek de Oliveira. Estamos nos reencontrando. Estamos nos redescobrimos. Não é preciso descobrir novamente a roda. É preciso aprender com a história. E a história do estadista JK tem muito o que nos ensinar.*⁷⁹

Os “Anos Dourados” são relembrados sob o olhar do presente. Em momento de desencantamento político, buscar no passado possíveis soluções torna a (re)construção deste possível. O passado, portanto, está incluso no tempo presente, e é a partir dos anseios vividos na atualidade brasileira que a imagem de JK permanece ao longo dos anos. Dentro da relação presente-passado, a memória nacional é constantemente realimentada e parece ser homogênea. A parcialidade presente nas memórias é esquecida e o que “sobrevive” são os relatos oficiais que tornaram a figura de JK e seu governo uma imagem quase mítica.

Para Ângela de Castro Gomes⁸⁰ é necessário compreender que os “bons tempos” dos “Anos JK” são também uma construção, onde o mergulho no passado é uma recriação da geração presente. Para além da incapacidade de projetar um futuro melhor,

⁷⁹ VALADARES, Antônio Carlos Valadares. **Homenagem ao Juscelino Kubitschek de Oliveira, pela passagem dos 50 anos de sua posse como Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil.** 31 de jan.2006.

⁸⁰ GOMES, Ângela de Castro. Qual é a cor dos anos dourados? In: GOMES, Ângela de Castro (org.). **O Brasil de JK.** 2ª ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

o exercício de “voltar ao passado” pode ser interpretado como esforço de aprendizado político, que mesmo sem deixar de possuir uma espécie de idealização, permanece na dimensão de uma avaliação do passado. Segundo a autora, estamos “no centro de uma construção histórica que se afigura como um mito, à qual se quer ‘retornar’ em busca do que de melhor o brilho do ouro pode oferecer, mesmo que com certo risco de cegar.”⁸¹

Analisando os “Anos JK” sob uma perspectiva “menos positiva”, a autora Maria Antonieta Leopoldi⁸² acredita que à medida que se distancia o período JK podemos ver com menos paixão política o legado que nos deixou. Segundo a autora, é necessário empreender um balanço do processo de industrialização acelerada neste período e os impactos – positivos e negativos – por ele trazidos à economia e sociedade brasileira.

Nos anos de 1970, Maria Victória Benevides⁸³ e Celso Lafer⁸⁴ elaboraram suas teses acadêmicas avaliando o governo de Juscelino partindo de seu sucesso em promover o desenvolvimento do país com estabilidade política e a implementação quase integral de seu ambicioso programa de metas. Segundo Leopoldi, os trabalhos destes dois autores enfatizam a dimensão positiva do governo JK, não aprofundando nas dificuldades econômicas que ele enfrentava, nem os problemas que legou aos governos e gerações posteriores.

Leopoldi não nega a contribuição do estadista, pois, para ela, JK marcou uma era na história da política brasileira, onde sua atuação caracterizou-se pela determinação de implementar as metas de seu governo, pela capacidade de cercar-se de quadros técnicos a fim de conduzir suas políticas externas e internas e por seu estilo negociador. Porém, neste trabalho a autora ressalta as várias faces do governo Kubitschek, onde, por um lado, seu êxito foi demonstrado através da implantação de quase todas as diretrizes industriais do Plano de Metas e, por outro, suas dificuldades e privações devido ao desequilíbrio externo nas contas do país. Mas, para a autora, é um consenso, em todas as análises sobre o período, o impacto causado pelos “50 anos em 5”.

⁸¹ Ibidem. p.11.

⁸² LEOPOLDI, Maria Antonieta. Crescendo em meio à incerteza: a política econômica do governo JK (1956-60). In: GOMES, Ângela de Castro (org.). **O Brasil de JK**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

⁸³ BENEVIDES, Maria Victoria. **O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

⁸⁴ LAFER, Celso. **JK e o programa de metas, 1956-1961: processo de planejamento e sistema político no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

Das análises elaboradas pelos historiadores nos anos 1970 até as mais recentes, o reconhecimento da política de desenvolvimento dos anos 1950 continua no centro das reflexões dos diversos autores. A historiografia, de certa forma, contribui para reforçar visões positivas do governo e do personagem JK.

Ao fazer um “panorama” do desenvolvimento da “modernidade” brasileira no período entre 1930-80, João Manuel Cardoso de Mello e Fernando Novais⁸⁵ enfatizam o salto brasileiro nos padrões de produção, consumo e mercado. Segundo os autores, o período de governo de Juscelino Kubitschek foi marcado por uma gama de oportunidades de investimentos devido ao rápido desenvolvimento econômico produzido pelo Plano de Metas, que objetivou, principalmente, implantar no Brasil setores industriais mais avançados. Este desenvolvimento não só abriu espaço às grandes multinacionais e à grande empresa estatal, como também gerou oportunidades de investimento ao empresariado nacional.

Mas para Mello e Novais, todo o processo modernizador ocorrido principalmente na década de 1950 e no governo de JK não supriu as necessidades da população brasileira. A modernização na agricultura, por exemplo, trouxe grandes alterações na vida de pequenos agricultores e trabalhadores rurais e o processo de urbanização contribuiu para uma forte migração neste período. Os autores contribuem, nesse sentido, para além de mudanças relacionadas à economia e política nacional nos anos de 1950, com análises das mudanças drásticas no campo social, onde apesar da “modernidade” alcançada, a desigualdade permaneceu entre as classes sociais.

Neste sentido, várias análises historiografias contribuem para pensar o período JK. Como várias tendem a destacar o sucesso da política desenvolvimentista de JK, acabam contribuindo com o trabalho de enquadramento da memória, onde seleciona-se aquilo que se deseja manter, deixando ao esquecimento outras memórias sobre o período. A questão não é discutir se a política desenvolvimentista de Juscelino teve ou não sucesso. Mas sim, trazer à luz uma discussão sobre os discursos que, ao trabalharem a imagem de JK junto a elementos como o desenvolvimentismo, fazem com que o ex-presidente se torne um herói político, deixando à margem outras lembranças que compõem este campo de disputas. Como analisa Adalberto Marson em “*Reflexões*

⁸⁵ MELLO, João Manuel Cardoso de & NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, L. M. (org). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 1998, p. 559-658 (VOL. 4).

sobre o procedimento histórico”, “[...] não se trata de referendar uma expectativa que considera ‘falsa’ a memória do vencedor porque instaura uma versão mentirosa[...] Ela é falsa por não dar conta da totalidade, por ser parcial e homogeneizadora[...]”⁸⁶

⁸⁶ MARSON, Adalberto. Reflexões sobre o procedimento histórico. In: SILVA, Marcos A.(org.) **Repensando a história**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984.p.62.

Considerações Finais

Em 19 de setembro de 2008, no Jornal Folha de São Paulo, uma nota com o título “Presidente se compara a ‘anos dourados’ de JK” aponta como o ato de relembrar o período ainda está presente no cenário político atual. Em comemoração ao 106º aniversário do presidente Juscelino Kubitschek, o atual presidente, Luis Inácio Lula da Silva relaciona a sua gestão aos “Anos Dourados” de Juscelino. Segundo a nota publicada:

Lula disse que a ‘reconciliação como os valores do desenvolvimento’, algo que estaria em curso, ‘é talvez a mais bela homenagem que o Brasil presta a JK’. ‘A história – como Deus escreve certo por linhas tortas – precisou de algumas décadas para que começássemos a fazer justiça de verdade ao que representou Juscelino em nosso país’, afirmou.⁸⁷

Declarações, como a do presidente Lula, nos informam sobre a atualidade do tema. O presidente, ao comparar seu governo com o período presidencial de JK, reforça a imagem mítica do ex-presidente e contribui para o processo de enquadramento de uma memória que na homogeneidade. O discurso do atual presidente faz sentido somente no tempo em que é produzido, ou seja, no presente. A ênfase em determinados elementos do passado se faz de acordo com as necessidades apontadas nesse tempo presente. Neste sentido, a nossa função – como historiadores – seria a de problematizar os vários sentidos que compõem o processo de elaboração de memórias sobre um determinado período.

O “fato” histórico não possui uma versão única, mas múltiplas interpretações. A “verdade universal”, creio, não será encontrada – afinal, não existe uma verdade única – mas cabe ao historiador/pesquisador investigar os sentidos destas várias interpretações. Ao fazer sua análise, ele terá o compromisso de apresentar uma crítica metodológica sobre o tema em estudo. O historiador deve, portanto, analisar de forma crítica seu

⁸⁷ DA SUCURSAL DE BRASÍLIA. Presidente se compara a ‘anos dourados’ de JK. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 13 de setembro de 2008.

objeto de pesquisa. As afirmações de Marc Bloch continuam importantes como reflexões sobre o nosso trabalho:

*Pois a história não apenas é uma ciência em marcha. É também uma ciência na infância: como todas aquelas que têm por objeto o espírito humano, esse temporão no campo do conhecimento racional. Ou, para dizer melhor, velha sob a forma embrionária da narrativa, de há muito apinhada de ficções, há mais tempo ainda colada aos acontecimentos mais imediatamente apreensíveis, ela permanece, como empreendimento racional da análise, jovem. Tem dificuldades para penetrar, enfim, no subterrâneo dos fatos de superfície, para rejeitar, depois das seduições da lenda ou da retórica, os venenos, atualmente mais perigosos, da rotina erudita e do empirismo, disfarçados em senso comum.*⁸⁸

Os discursos dos Senadores em Comemoração ao Cinquentenário do Governo Kubitschek são agentes constituintes de uma memória oficial e contribuem com a [re]atualização da imagem de Juscelino como “herói”. O “mito JK”, ao ser alimentado pela memória “oficial”, torna-se quase incontestável. Tanto que a imagem de JK como “herói” nacional ainda permanece na história política do país. Esta construção de memórias interfere nas diversas percepções dos sujeitos sociais sobre o período e acabam silenciando vozes contrárias à “memória nacional”. A análise da construção deste “mito” e as constantes produções de memórias que o alimentam, reafirmando-o como referência na política brasileira nos dias atuais, constitui o foco de preocupação desta monografia.

Ao longo deste trabalho houve a tentativa de estabelecer relações entre presente e passado no processo de [re]elaboração de memórias sobre JK e seu governo. Entendo que, mesmo após a realização desta pesquisa, muitos caminhos podem ser percorridos para entender quais os significados destes mecanismos de produção de memórias na atualidade, afinal, por ser um processo contínuo, a volta ao passado em busca de “respostas” para o presente permanece. Filmes, minisséries, monumentos e imagens – dentre outras fontes – colaboram para o processo de reafirmação de suas imagens e a análise destas podem nos auxiliar na compreensão dos vários significados produzidos sobre JK e seu governo e buscar – ou ao menos tentar – respostas sobre os motivos que fazem com que JK ainda permaneça como sinônimo de modernização e democracia.

⁸⁸ BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p.47.

Resta saber até quando lembrar os “Anos JK” fará sentido no cenário brasileiro. Mas enquanto a imagem positiva de Juscelino é ressaltada, e aparentemente surge como respostas para as aflições atuais, cabe a nós, historiadores, contribuir para a análise do processo de mistificação do período e de seu personagem principal: o “herói”, Juscelino Kubitschek.

Descrição das Fontes

Livros:

BOJUNGA, Cláudio. **JK: o artista do impossível**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

COUTO, Ronaldo Costa. **Brasília Kubitschek de Oliveira**. 5ª ed. São Paulo: Record, 2006.

Pronunciamentos:

AGRIPINO, José. **Homenagem ao Juscelino Kubitschek de Oliveira, pela passagem dos 50 anos de sua posse como Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil**. 31 de jan.2006. Disponível em:

http://www.senado.gov.br/sf/atividade/Pronunciamento/consulta.asp?TXT_NOME=&SEL_PARTIDO=TODO&SEL_UF=TODO&TXT_APARTEANTE=&DATA_INICIO=31%2F01%2F2006&DATA_FIM=31%2F01%2F2006&SEL_TIPO_TEXTO=TOD&TXT_ASSUNTO=Juscelino+Kubitschek&p_request=Pesquisar. Acesso em 28 de maio de 2007

ARAÚJO, Ildeu. **Homenagem ao Juscelino Kubitschek de Oliveira, pela passagem dos 50 anos de sua posse como Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil**. 31 de jan.2006. Disponível em:

<http://www.camara.gov.br/internet/sitaqweb/TextoHTML.asp?etapa=5&nuSessao=020.5.52.E%20%20%20%20%20&nuQuarto=6&nuOrador=2&nuInsercao=5&dtHorarioQuarto=20:12&sgFaseSessao=BC%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20&Data=31/01/2006&txApelido=ILDEU%20ARAÚJO,%20PP-SP&txFaseSessao=Breves%20Comunicações%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20&txTipoSessao=Extraordinária%20-%20CD%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20&dtHoraQuarto=20:12&txEtapa=>. Acesso em 01 de agosto de 2007.

ARRUDA, José Roberto. **Homenagem ao Juscelino Kubitschek de Oliveira, pela passagem dos 50 anos de sua posse como Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil.** 31 de jan.2006. Disponível em:

<http://www.camara.gov.br/internet/sitaqweb/TextoHTML.asp?etapa=5&nuSessao=019.5.52.E%20%20%20%20&nuQuarto=88&nuOrador=2&nuInsercao=20&dtHorarioQuarto=16:54&sgFaseSessao=OD%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20&Data=31/01/2006&txApelido=JOSÉ%20ROBERTO%20ARRUDA,%20PFL-DF&txFaseSessao=Ordem%20do%20Dia%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20&txTipoSessao=Ordinária%20%20CD%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20&dtHoraQuarto=16:54&txEtapa=>. Acesso em 01 de agosto de 2007.

AZEREDO, Eduardo. **Homenagem ao Juscelino Kubitschek de Oliveira, pela passagem dos 50 anos de sua posse como Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil.** 31 de jan.2006. Disponível em:

http://www.senado.gov.br/sf/atividade/Pronunciamento/consulta.asp?TXT_NOME=&SEL_PARTIDO=TODOS&SEL_UF=TODOS&TXT_APARTEANTE=&DATA_INICIO=31%2F01%2F2006&DATA_FIM=31%2F01%2F2006&SEL_TIPO_TEXTO=TOD&TXT_ASSUNTO=Juscelino+Kubitschek&p_requerst=Pesquisar. Acesso em 28 de maio de 2007.

BARRETO, Jackson. **Homenagem ao Juscelino Kubitschek de Oliveira, pela passagem dos 50 anos de sua posse como Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil.** 02 de fev.2006. Disponível em:

<http://www.camara.gov.br/internet/sitaqweb/TextoHTML.asp?etapa=5&nuSessao=024.5.52.E%20%20%20%20&nuQuarto=55&nuOrador=2&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=16:42&sgFaseSessao=PE%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20&Data=02/02/2006&txApelido=JACKSON%20BARRETO,%20PTB-SE&txFaseSessao=Pequeno%20Expediente%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20&txTipoSessao=Ordinária%20%20CD%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20&dtHoraQuarto=16:42&txEtapa=>. Acesso em 01 de agosto de 2007

CALHEIROS, Renan. **Homenagem ao Juscelino Kubitschek de Oliveira, pela passagem dos 50 anos de sua posse como Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil.** 31 de jan.2006. Disponível em:

http://www.senado.gov.br/sf/atividade/Pronunciamento/consulta.asp?TXT_NOME=&SEL_PARTIDO=TODOS&SEL_UF=TODOS&TXT_APARTEANTE=&DATA_INICIO=31%2F01%2F2006&DATA_FIM=31%2F01%2F2006&SEL_TIPO_TEXTO=TOD&TXT_ASSUNTO=Juscelino+Kubitschek&p_requerst=Pesquisar. Acesso em 28 de Maio de 2007.

FORTES, Heráclito. **Homenagem ao Juscelino Kubitschek de Oliveira, pela passagem dos 50 anos de sua posse como Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil.** 31 de jan.2006. Disponível em:

http://www.senado.gov.br/sf/atividade/Pronunciamento/consulta.asp?TXT_NOME=&SEL_PARTIDO=TODO&SEL_UF=TODO&TXT_APARTEANTE=&DATA_INICIO=31%2F01%2F2006&DATA_FIM=31%2F01%2F2006&SEL_TIPO_TEXTO=TOD&TXT_ASSUNTO=Juscelino+Kubitschek&p_request=Pesquisar. Acesso em 28 de maio de 2007.

LANDO, Amir. **Homenagem ao Juscelino Kubitschek de Oliveira, pela passagem dos 50 anos de sua posse como Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil.** 31 de jan.2006. Disponível em:

http://www.senado.gov.br/sf/atividade/Pronunciamento/consulta.asp?TXT_NOME=&SEL_PARTIDO=TODO&SEL_UF=TODO&TXT_APARTEANTE=&DATA_INICIO=31%2F01%2F2006&DATA_FIM=31%2F01%2F2006&SEL_TIPO_TEXTO=TOD&TXT_ASSUNTO=Juscelino+Kubitschek&p_request=Pesquisar. Acesso em 28 de maio de 2007.

MAGALHÃES, Antônio Carlos. **Homenagem ao Juscelino Kubitschek de Oliveira, pela passagem dos 50 anos de sua posse como Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil.** 31 de jan.2006. Disponível em:

http://www.senado.gov.br/sf/atividade/Pronunciamento/consulta.asp?TXT_NOME=&SEL_PARTIDO=TODO&SEL_UF=TODO&TXT_APARTEANTE=&DATA_INICIO=31%2F01%2F2006&DATA_FIM=31%2F01%2F2006&SEL_TIPO_TEXTO=TOD&TXT_ASSUNTO=Juscelino+Kubitschek&p_request=Pesquisar. Acesso em 28 de maio de 2007.

MERCADANTE, Aloísio. **Homenagem ao Juscelino Kubitschek de Oliveira, pela passagem dos 50 anos de sua posse como Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil.** 31 de jan.2006. Disponível em:

http://www.senado.gov.br/sf/atividade/Pronunciamento/consulta.asp?TXT_NOME=&SEL_PARTIDO=TODO&SEL_UF=TODO&TXT_APARTEANTE=&DATA_INICIO=31%2F01%2F2006&DATA_FIM=31%2F01%2F2006&SEL_TIPO_TEXTO=TOD&TXT_ASSUNTO=Juscelino+Kubitschek&p_request=Pesquisar. Acesso em 28 de maio de 2007.

OCTÁVIO, Paulo. **Homenagem ao Juscelino Kubitschek de Oliveira, pela passagem dos 50 anos de sua posse como Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil.** 31 de jan.2006. Disponível em:

http://www.senado.gov.br/sf/atividade/Pronunciamento/consulta.asp?TXT_NOME=&SEL_PARTIDO=TODOS&SEL_UF=ODOS&SEL_UF=ODOS&TXT_APARTEANTE=&DATA_INICIO=31%2F01%2F2006&DATA_FIM=31%2F01%2F2006&SEL_TIPO_TEXTO=TOD&TXT_ASSUNTO=Juscelino+Kubitschek&p_request=Pesquisar. Acesso em 28 de Maio de 2007

RIBEIRO, Flexa. **Homenagem ao Juscelino Kubitschek de Oliveira, pela passagem dos 50 anos de sua posse como Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil.** 31 de jan.2006. Disponível em:

http://www.senado.gov.br/sf/atividade/Pronunciamento/consulta.asp?TXT_NOME=&SEL_PARTIDO=TODOS&SEL_UF=ODOS&SEL_UF=ODOS&TXT_APARTEANTE=&DATA_INICIO=31%2F01%2F2006&DATA_FIM=31%2F01%2F2006&SEL_TIPO_TEXTO=TOD&TXT_ASSUNTO=Juscelino+Kubitschek&p_request=Pesquisar. Acesso em 28 de maio de 2007.

SLHESSARENKO. Sherys. **Homenagem ao Juscelino Kubitschek de Oliveira, pela passagem dos 50 anos de sua posse como Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil.** 31 de jan.2006. Disponível em:

http://www.senado.gov.br/sf/atividade/Pronunciamento/consulta.asp?TXT_NOME=&SEL_PARTIDO=TODOS&SEL_UF=ODOS&SEL_UF=ODOS&TXT_APARTEANTE=&DATA_INICIO=31%2F01%2F2006&DATA_FIM=31%2F01%2F2006&SEL_TIPO_TEXTO=TOD&TXT_ASSUNTO=Juscelino+Kubitschek&p_request=Pesquisar. Acesso em 28 de maio de 2007.

SUPLICY, Eduardo. **Homenagem ao Juscelino Kubitschek de Oliveira, pela passagem dos 50 anos de sua posse como Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil.** 31 de jan.2006. Disponível em:

http://www.senado.gov.br/sf/atividade/Pronunciamento/consulta.asp?TXT_NOME=&SEL_PARTIDO=TODOS&SEL_UF=ODOS&SEL_UF=ODOS&TXT_APARTEANTE=&DATA_INICIO=31%2F01%2F2006&DATA_FIM=31%2F01%2F2006&SEL_TIPO_TEXTO=TOD&TXT_ASSUNTO=Juscelino+Kubitschek&p_request=Pesquisar. Acesso em 28 de maio de 2007.

TORRES, Demóstenes. **Homenagem ao Juscelino Kubitschek de Oliveira, pela passagem dos 50 anos de sua posse como Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil.** 31 de jan.2006. Disponível em:

http://www.senado.gov.br/sf/atividade/Pronunciamento/consulta.asp?TXT_NOME=&SEL_PARTIDO=TODOS&SEL_UF=ODOS&SEL_UF=ODOS&TXT_APARTEANTE=&DATA_INICIO=31%2F01%2F2006&DATA_FIM=31%2F01%2F2006&SEL_TIPO_TEXTO=TOD&TXT_ASSUNTO=Juscelino+Kubitschek&p_request=Pesquisar. Acesso em 28 de maio de 2007.

VALADARES, Antonio Carlos. **Homenagem ao Juscelino Kubitschek de Oliveira, pela passagem dos 50 anos de sua posse como Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil.** 31 de jan.2006. Disponível em:

http://www.senado.gov.br/sf/atividade/Pronunciamento/consulta.asp?TXT_NOME=&SEL_PARTIDO=TODOS&SEL_UF=TODOS&TXT_APARTEANTE=&DATA_INICIO=31%2F01%2F2006&DATA_FIM=31%2F01%2F2006&SEL_TIPO_TEXTO=TOD&TXT_ASSUNTO=Juscelino+Kubitschek&p_request=Pesquisar. Acesso em 28 de maio de 2007.

VANIA, Lúcia. **Homenagem ao Juscelino Kubitschek de Oliveira, pela passagem dos 50 anos de sua posse como Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil.** 31 de jan.2006. Disponível em:

http://www.senado.gov.br/sf/atividade/Pronunciamento/consulta.asp?TXT_NOME=&SEL_PARTIDO=TODOS&SEL_UF=TODOS&TXT_APARTEANTE=&DATA_INICIO=31%2F01%2F2006&DATA_FIM=31%2F01%2F2006&SEL_TIPO_TEXTO=TOD&TXT_ASSUNTO=Juscelino+Kubitschek&p_request=Pesquisar. Acesso em 28 de maio de 2007.

VILELA, Maguito. **Homenagem ao Juscelino Kubitschek de Oliveira, pela passagem dos 50 anos de sua posse como Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil.** 31 de jan.2006. Disponível em:

http://www.senado.gov.br/sf/atividade/Pronunciamento/consulta.asp?TXT_NOME=&SEL_PARTIDO=TODOS&SEL_UF=TODOS&TXT_APARTEANTE=&DATA_INICIO=31%2F01%2F2006&DATA_FIM=31%2F01%2F2006&SEL_TIPO_TEXTO=TOD&TXT_ASSUNTO=Juscelino+Kubitschek&p_request=Pesquisar. Acesso em 28 de maio de 2007.

VIRGÍLIO, Arthur. **Homenagem ao Juscelino Kubitschek de Oliveira, pela passagem dos 50 anos de sua posse como Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil.** 31 de jan.2006. Disponível em:

http://www.senado.gov.br/sf/atividade/Pronunciamento/consulta.asp?TXT_NOME=&SEL_PARTIDO=TODOS&SEL_UF=TODOS&TXT_APARTEANTE=&DATA_INICIO=31%2F01%2F2006&DATA_FIM=31%2F01%2F2006&SEL_TIPO_TEXTO=TOD&TXT_ASSUNTO=Juscelino+Kubitschek&p_request=Pesquisar. Acesso em 28 de maio de 2007.

Artigos de Jornais:

ANDRADE, Érica. Adversários que a ditadura uniu. **Correio Brasiliense**. Brasília: 15 de Agosto de 2004.

ARRAIS, César Henrique. Há 40 anos, JK era cassado. **Correio Brasiliense**. Brasília: 8 de junho de 2004.

BRANDIM, Cecília. 30 anos sem JK. **Correio Brasiliense**. Brasília: 6 de agosto de 2006.

———. 30 anos sem JK. **Correio Brasiliense**. Brasília: 6 de agosto de 2006.

CALDAS, Renata. Política dentro e fora da minissérie. **Correio Brasiliense**. Brasília: 14 de março de 2006.

DA REDAÇÃO. Alckmin critica Lula. **Correio Brasiliense**. Brasília: 4 de março de 2006.

———. FHC lamenta perda de plataforma. **Correio Brasiliense**. Brasília: 21 de março de 2001.

———. Aniversário de Juscelino - O centenário de JK, comemorado hoje, é um motivo especial para que meninos e meninas de Brasília aprendam mais sobre o fundador da cidade. Mas nem todos tiveram a mesma chance. **Correio Brasiliense**. Brasília: 12 de setembro de 2002.

———. Lula se rende à Norte-Sul. **Correio Brasiliense**. Brasília: 24 de maio de 2006.

———. Crise é grave, diz Lula. **Correio Brasiliense**. Brasília: 31 de agosto de 2005.

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA. Presidente se compara a ‘anos dourados’ de JK. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 13 de setembro de 2008.

FREITAS, Conceição. Criador da auto-estima. **Correio Brasiliense**. Brasília: 23 de outubro de 2001

_____. O homem que acreditava. **Correio Brasiliense**. Brasília: 2 de outubro de 2006

_____. Fronteiras abertas. **Correio Brasiliense**. Brasília: 15 de maio de 2002.

_____. 1956: o ano em que tudo começou. **Correio Brasiliense**. Brasília: 12 de fevereiro de 2006

_____. O dia em que o sonho virou lei. **Correio Brasiliense**. Brasília: 19 de setembro de 2006.

JÚNIOR, Darse. Juscelino inédito. **Correio Brasiliense**. Brasília: 22 de janeiro de 2006.

_____. Remetente: Povo Brasileiro – Destinatário: Juscelino Kubitschek. **Correio Brasiliense**. Brasília: 19 de fevereiro de 2006.

_____. A trajetória de JK. **Correio Brasiliense**. Brasília: 30 de janeiro de 2006.

MAGNO, Ana Beatriz. Guerra pela memória de JK. **Correio Brasiliense**. Brasília: 5 de novembro de 2004.

_____. Desrespeito – Segunda residência oficial de JK é demolida. **Correio Brasiliense**. Brasília: 16 de abril de 2004.

_____. Fita revela desabafo de JK durante visita à Brasília. **Correio Brasiliense**. Brasília: 5 de maio de 2004.

SILVA, Eumano. Estilo Inovador. **Correio Brasiliense**. Brasília: 15 de maio de 2002.

VIEIRA, Carlos. Crise no governo: ministro revela preocupação de que tensões políticas paralise os avanços da economia. **Correio Brasiliense**. Brasília: 11 de junho de 2005.

Bibliografia

BARBOSA, Francisco de Assis. “O quinquênio Kubitschek”. In: FRANCO, Afonso Arinos de Melo & Quadros, Jânio. **História do povo brasileiro**. São Paulo: J. Quadros Culturais, 1967.

BENEVIDES, Maria Victoria. **O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política (1956-1961)**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco. Os “anos dourados”: memória e hegemonia. **Revista ArtCultura**, Uberlândia, v.9, n.14, jan.-jun., 2007.

———. Memórias e imagens: (Re)pensando os significados do Memorial JK. In: Yara Aun Khoury; Laura Antunes Maciel; Paulo Roberto de Almeida (Org.) **Outras histórias: Memórias e Linguagens**. 1ed. São Paulo: Olhos d’água, 2006.

CARDOSO, Miriam Limoeiro. **Ideologia do desenvolvimento: Brasil JK e JQ**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

———. Os trabalhos da memória. In: BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. 2ed. São Paulo: T. A. Queiroz/USP, 1987.

CONY, Carlos Heitor. **JK: como nasce uma estrela**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. 3ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

FENELON, Déa Ribeiro (org). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olhos D’água, 2004.

GOMES, Ângela de Castro. A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. *In*: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998 (VOL. 4).

———. (org.). **O Brasil de JK**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

KUBISTCHEK, Juscelino. **Meu caminho para Brasília**. Rio de Janeiro: Bloch, 1975.

———. **Por que construí Brasília**. Rio de Janeiro: Bloch, 1975.

LAFER, Celso. **JK e o programa de metas, 1956-1961: processo de planejamento e sistema político no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

———. Os anos JK: seu impacto e significado. *In*: **Desafios: ética e política**. São Paulo: Siciliano, 1995.

LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

MARSON, Adalberto. Reflexões sobre o procedimento histórico. *In*: SILVA, Marcos A. da (org.). **Repensando a história**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984.

MELLO, João Manuel Cardoso de & NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. *In*: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998 (VOLUME 4).

MIGUEL, Luis Felipe. Em Torno do Conceito de Mito Político, **Dados**, vol. 43, n.3, Rio de Janeiro, 1998.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. Os anos JK: industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento rural. *In*: FERREIA, Jorge & DELGADO, Lucília de A. Neves (org.). **O Brasil republicano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p.155-193 (VOLUME 3).

PAOLI, Maria Célia. Memória, história e cidadania: o direito ao passado. *In*: **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania / DPH**. São Paulo: DPH, 1991.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, vol. 5, n. 10, Rio de Janeiro, 1992.

_____. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, vol. 2, n. 3, Rio de Janeiro, 1989.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **Feliz 1958: o ano que não devia terminar**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SILVA, Hélio & CARNEIRO, Maria Cecília Ribas. **Juscelino, o desenvolvimento: 1956-1961**. São Paulo: Grupo de Comunicações Três, 1983.

SOREL, Georges. **Reflexões sobre a violência**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

TREVISAN, Maria José. **50 anos em 5: a Fiesp e o desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1986.